

Mara Passos Guimarães

A análise da influência translinguística entre o PB e o inglês através da construção passiva

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2016

Mara Passos Guimarães

A análise da influência translinguística entre o PB e o inglês através da construção passiva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Processamento da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza

Belo Horizonte

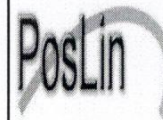
Faculdade de Letras da UFMG

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



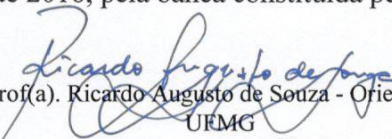
FOLHA DE APROVAÇÃO

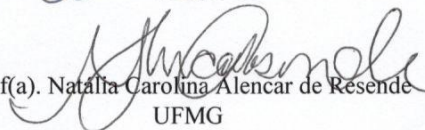
A análise da influência translingüística entre o PB e o inglês através da construção passiva

MARA PASSOS GUIMARÃES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Processamento da Linguagem.

Aprovada em 18 de janeiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ricardo Augusto de Souza - Orientador
UFMG


Prof(a). Natália Carolina Alencar de Resende
UFMG


Prof(a). Marisa Mendonça Carneiro
UFMG

Belo Horizonte, 18 de janeiro de 2016.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza, pela influência sempre positiva no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal;

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG);

À CAPES;

Aos colegas Cândido, Cláudia, Thaís, Ziel e demais membros do Laboratório de Psicolinguística, por contribuírem para um ambiente de colaboração e suporte mútuo;

Aos meus pais, Eleuza e Lúcio, e às minhas irmãs, Leda e Taís, pela estrutura e pelo amor;

Às amigas Aiko, Letícia Guimarães, Letícia Meira Maia, Mariana, Marinela e Nathália pelo companheirismo ao longo da vida;

Ao Victor Hugo e ao Daniel, pelo carinho e aprendizado diário;

À turma do Xuca, pelos muito necessários momentos de descontração;

Finalmente, àqueles que voluntariamente participaram deste estudo, pelo comprometimento e prestatividade.

“All of old. Nothing else ever. Ever tried. Ever failed. No matter. Try again.

Fail again. Fail better.”

(Samuel Beckett)

A Alzira e Lourdes, pela valorização do conhecimento
desde a escola rural até o ensino superior.

RESUMO

Neste estudo, investigamos a existência de uma discrepância distribucional da construção passiva no português brasileiro (PB) e no inglês. Investigamos ainda se há influência translinguística da L2 para a L1 (ou transferência reversa) em relação à produção da construção em bilíngues de alta proficiência do par linguístico PB-inglês, comparada àquela dos monolíngues do PB. A construção passiva é tomada como equivalente no inglês e no PB devido à sua congruência morfossintática, embora no PB seu licenciamento pragmático seja influenciado pela existência de construções rivais para o alcance dos efeitos semântico-pragmáticos possibilitados no inglês apenas pela passiva. Este trabalho baseia-se na Gramática de Construções como proposta por Goldberg (1995) para defender a visão não-transformacional da construção passiva, assim como nos modelos de reconhecimento bilíngue de palavras e sentenças de Dijkstra e Van Heuven (2002), de acesso lexical na produção de Levelt et al. (1999) e de produção bilíngue de Hartsuiker et al. (2004) para argumentar que a compreensão e a produção bilíngue sofrem influência constante de uma língua sobre a outra. Sendo atestada a existência da diferença distribucional da passiva no inglês e no PB, suspeita-se que a interação entre a L1 e a L2 na mente do bilíngue irá apresentar efeitos de facilitação ou inibição da construção, resultando em comportamentos diferentes entre bilíngues e monolíngues. Esta pesquisa lançou mão de quatro estudos para avaliar o estado da construção passiva no PB e no inglês, assim como a influência da L2 inglês sobre a produção da construção pelo bilíngue na L1 PB: uma análise de corpora de fala das duas línguas, que confirmou as suspeitas da diferença distribucional da construção; um julgamento de gramaticalidade, que mostrou que falantes do PB em geral aceitam a construção passiva com naturalidade; e duas tarefas de produção (escrita e oral), que mostraram que os bilíngues produzem mais passivas do que os monolíngues. A diferença na produção de passivas entre bilíngues e monolíngues foi atribuída à influência da L2 inglês, na qual a construção ocorre com frequência significativamente maior do que no PB.

Palavras-chave: construção passiva; bilinguismo; transferência reversa.

ABSTRACT

In this study, we investigated the existence of a difference in the distributional properties of the passive construction in Brazilian Portuguese (BP) and in English. We also investigated if there are crosslinguistic influences from the L2 to the L1 (also known as “reverse transfer”) regarding the production of the construction by high-proficiency L1 BP L2 English bilinguals, compared to that of the BP monolinguals. The passive is considered equivalent in English and BP due to its morphosyntactic correspondence, although its pragmatic licensing in BP is constrained by the existence of rival constructions that allow the semantic-pragmatic effects achieved in English only by the passive construction. This research finds support on the Construction Grammar (Goldberg, 1995) to stand by the non-transformational view of the passive construction, as well as on the BIA+ model of word and sentence recognition proposed by Dijkstra e Van Heuven (2002), the lexical access model of production proposed by Levelt et al. (1999), and the model of bilingual production proposed by Hartsuiker et al. (2004) to argue that bilingual comprehension and production are under constant influence of one language over the other. Having found the difference in the passive construction distributional properties in the two languages, we suspect that the interaction between the L1 and the L2 in the bilingual’s mind will have effects of either facilitation or inhibition of the construction, rendering the bilingual behavior different from that of the monolingual. The analysis of the state of the passive construction in BP and English, as well as the investigation on the influence of L2 English on the production of passives in L1 BP, were carried on by means of four studies. First, there was an analysis of spoken corpora, which confirmed the difference in distributional properties of the construction. Second, an acceptability judgment was carried out, which showed that BP speakers in general consider the passive natural in their L1. Finally, two sentence elicitation tasks (written and oral) showed that bilinguals produce more passives than monolinguals. This difference in the production of passives between bilinguals and monolinguals was attributed to the influence of L2 English, language in which the construction occurs with significantly higher frequency than in BP.

Key-words: passive construction; bilin gualism; reverse transfer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo BIA+ de reconhecimento de palavras e sentenças	19
Figura 2 - Fragmento da rede lexical subjacente ao acesso lexical	21
Figura 3 - Modelo de representação linguística bilíngue compartilhada	23
Figura 4 - imagem utilizada para ilustrar o verbo <i>prender</i> (esq.) e sua cópia espelhada (dir.)	42
Figura 5 - Imagens utilizadas para ilustrar o verbo <i>filmar</i> (esq.) e sua cópia espelhada (dir.)	43
Figura 6 - Imagem utilizada para ilustrar o verbo <i>beijar</i>	56
Figura 7 - Imagem utilizada para ilustrar o verbo <i>demitir</i>	56
Figura 8 - imagem utilizada para ilustrar o verbo <i>abraçar</i>	57
Figura 9 - Imagem utilizada para ilustrar o verbo <i>morder</i>	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Verbos mais frequentemente encontrado em ocorrências de passiva nos corpora.....	38
Tabela 2 - Verbos do inglês mais frequentes nas construções passivas no SBCSAE	45
Tabela 3 - Frequências relativas dos verbos no SBCSAE e no COCA.....	46
Tabela 4 - Verbos do PB mais frequentes nas construções passivas no C-Oral-Brasil I.....	47
Tabela 5 - verbos com 3 ocorrências na construção passiva no C-Oral-Brasil I.....	48
Tabela 6 - Ocorrências de construções passivas e não passivas nos corpora de língua falada	49
Tabela 7 - Médias e DPs dos julgamentos dos bilíngues e dos monolíngues.....	51
Tabela 8 - Médias e DPs dos períodos de latência.....	63
Tabela 9 - Frequência da ocorrência dos verbos na construção passiva (tarefa escrita).....	65
Tabela 10 - Frequência da ocorrência dos verbos na construção passiva (tarefa oral).....	66
Tabela 11 - Resumo dos estudos	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência das construções em relação à posição do agente (tarefa escrita)	59
Gráfico 2 - Frequência das construções em relação à posição do agente (reanálise)	60
Gráfico 3 - Frequência de construções por perfil linguístico (tarefa escrita)	60
Gráfico 4 - Frequência das construções em relação à posição do agente (tarefa oral)	62
Gráfico 5 - Frequência de construções por perfil linguístico (tarefa oral)	62

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Referencial Teórico	16
1.1. A integração entre a L1 e a L2 na mente do bilíngue	16
1.2. A Construção Passiva	25
1.3. Alternativas do PB.....	31
1.4. Hipóteses deste estudo	34
2. Metodologia.....	36
2.1. Análise de corpora	36
2.2. Julgamento de aceitabilidade.....	37
2.3. Tarefas de eliciação de sentenças	40
2.4. Tarefa de eliciação de sentenças I: produção escrita	41
2.5. Tarefa de eliciação de sentenças II: produção oral	43
3. Análises e Discussão.....	45
3.1. Análise de corpora	45
3.2. Julgamento de aceitabilidade.....	50
3.3. Tarefa de eliciação de sentenças I: Produção Escrita.....	55
3.4. Tarefa de eliciação de sentenças II: Produção oral	60
4. Discussão Geral	68
5. Referências bibliográficas.....	73
Apêndice A – Sentenças do julgamento de aceitabilidade	76
Sentenças-alvo na construção passiva	76
Sentenças controle na construção ativa	76
Sentenças controle descritivas agramaticais.....	77
Sentenças distratoras.....	77

INTRODUÇÃO

A psicolinguística do bilinguismo tem como objetivo maior a elucidação da configuração representacional e dos processos linguísticos na mente do bilíngue. O falante bilíngue dispõe de um sistema linguístico diferenciado daquele do qual dispõem os falantes monolíngues das respectivas línguas, pelo fato de que a primeira língua (doravante L1) não é completamente independente da segunda¹ (doravante L2) (GROSJEAN, 1989). Os níveis de interação entre as línguas na mente do bilíngue são ainda um tópico que necessita maior clarificação: não se sabe com exatidão quais elementos podem ser compartilhados entre a L1 e a L2, ou até mesmo quais são os fatores motivadores do compartilhamento.

Dentre as formas de investigação acerca do compartilhamento representacional e processual bilíngue figura com destaque a análise da influência translinguística² (ou transferência), i.e., o estudo das “instâncias de desvios das normas de qualquer uma das línguas que ocorre na fala dos bilíngues como consequência de sua familiaridade com mais de uma língua” (WEINREICH, 1953 apud COOK, 2003). Entende-se que instâncias de interferência da L1 na L2 ou da L2 na L1 são indicativas de compartilhamento representacional. Entretanto, esse não é um fenômeno facilmente universalizado: as observações de efeitos de transferência de um dado par linguístico não necessariamente são preditivas para todos os pares linguísticos (HARTSUIKER et al., 2004). Este trabalho vem, portanto, contribuir com as pesquisas sobre o bilíngue falante do português brasileiro (doravante PB) como L1 e inglês como L2, que está em situação de não-dominância da L2 (residente no Brasil, imerso no ambiente da L1).

A análise da influência translinguística neste estudo se dará pela perspectiva do comportamento do monolíngue do PB e do bilíngue L1 PB L2 inglês em relação à produção da construção passiva no PB. Muitos estudos psicolinguísticos, especialmente aqueles que utilizam o paradigma do *priming* sintático translinguístico, utilizam esta construção como controle experimental devido a sua ocorrência na maioria das línguas ocidentais. Argumentamos aqui que a existência da construção no PB e no inglês não é suficiente para

¹ Para os propósitos deste trabalho, considera-se como segunda língua aquela que foi adquirida após o estabelecimento da primeira.

² O termo “translinguístico” foi adotado neste estudo como tradução do termo “crosslinguistic”, do inglês.

presumir que as construções sejam equivalentes nas duas línguas. De fato, o PB dispõe de alternativas à passiva para as funções de retirada do agente e de promoção de objeto a tópico, enquanto no inglês estes efeitos semântico-pragmáticos são obtidos apenas pela construção passiva. Essa opcionalidade sugere que existam propriedades distribucionais distintas a respeito desta construção nas duas línguas.

Este estudo se baseia na proposta da Gramática de Construções de Golberg (1995), no modelo de reconhecimento bilíngue de palavras e sentenças de Dijkstra e Van Heuven (2002), no modelo de acesso lexical de Levelt et al. (1999) e no modelo de produção bilíngue de Hartsuiker et al. (2004) para oferecer duas hipóteses acerca do comportamento da construção passiva no PB. A primeira delas é a de que existiriam diferenças distribucionais da construção no PB e no inglês, a despeito da congruência de sua configuração sintática nas duas línguas. A segunda hipótese é a de que o comportamento do falante bilíngue PB L1 inglês L2 em relação à construção passiva seria diferente daquele do falante monolíngue devido a influências de representações da L2, seja por facilitação ou inibição da construção na L1.

Para responder aos questionamentos desta pesquisa, foram desenvolvidos quatro estudos. O primeiro deles é uma análise de corpora de fala do PB e do inglês, que tem por objetivo observar os níveis de produtividade da construção passiva pelos falantes destas línguas como L1. Para a análise do PB, foi selecionado o corpus C-Oral-Brasil I (RASO, MELLO, 2012) e, para o inglês, o Santa Barbara Corpus of Spoken American English (DU BOIS et al., 2000-2005), que retratam o uso informal das línguas em uma variedade de contextos. O segundo estudo é um julgamento de aceitabilidade temporalizado, que busca observar os níveis de aceitação da construção passiva por monolíngues do PB e bilíngues L1 PB L2 inglês. Neste experimento, foram analisados também os tempos de reação (doravante RTs) dos julgamentos entre monolíngues e bilíngues bem como entre ativas e passivas. O terceiro e o quarto estudos, por sua vez, são tarefas de eliciação de sentenças, sendo uma em forma escrita e a outra em forma oral. Essas tarefas irão observar a produção da construção pelos falantes de acordo com seu perfil linguístico (monolíngue ou bilíngue), tanto pela frequência da construção quanto pela análise dos períodos de latência (doravante PLs) entre o surgimento do estímulo e o início da fala.

Os estudos foram elaborados para que os diversos aspectos da construção pudessem ser analisados: seu atual estado de produtividade nas línguas em questão, seus níveis de aceitação e sua produção no PB por falantes monolíngues e bilíngues. Assim, será possível tecer conclusões tanto sobre os efeitos de influência translinguística quanto sobre a compatibilidade da passiva entre o inglês e o PB – até então estabelecida *a priori*.

No capítulo 1, revisaremos os referenciais teóricos utilizados para a análise da compreensão e produção bilíngue, em adição a uma descrição da construção no PB e no inglês sob a perspectiva da gramática de construções (GOLDBERG, 1995). No capítulo 2, descreveremos os estudos desenvolvidos, e, no capítulo 3, ofereceremos suas análises e discussões. Finalmente, o capítulo 4 trará a discussão acerca da plausibilidade das hipóteses à luz dos resultados encontrados nos estudos, e proporemos caminhos para estudos futuros.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A INTEGRAÇÃO ENTRE A L1 E A L2 NA MENTE DO BILÍNGUE

Em 1989, Grosjean ofereceu uma definição do falante bilíngue que orientaria o direcionamento dos estudos subsequentes sobre o bilinguismo: o bilíngue é “um todo integrado, um falante-ouvinte único e específico, e não a soma de dois monolíngues” (1989; 6). É consequência dessa definição o fim da busca pelo bilíngue ideal, equilibrado, com conhecimento das duas línguas equivalente ao conhecimento dos respectivos monolíngues, como propôs Toribio (2001)³. Em vez disso, tem-se que o bilíngue muito raramente será igualmente proficiente nas duas línguas, devido a diferentes demandas de uso de cada uma delas, em diferentes domínios e situações interacionais (Grosjean, 1989; Schwartz e Kroll, 2006). As divergências na delimitação do bilíngue, assim como do bilinguismo, levaram Cook (2003) a propor a noção de um falante multi-competente, usuário da L2. Segundo o autor, a multi-competência é “o conhecimento de uma ou mais línguas em uma única mente” (p. 2), concepção que tomo como parâmetro para a definição do bilíngue observado neste estudo.

A visão fracionada (ou monolíngue) que orientou os estudos de bilinguismo durante boa parte do século XX representa a perspectiva ocidental de que o estado “normal” do indivíduo é monolíngue e, portanto, quaisquer efeitos advindos da aquisição de uma ou mais línguas adicionais são considerados exceções. Essa perspectiva fracionada do bilinguismo colocou os estudos da área sob o que Grosjean chama de “o viés monolíngue”, uma forma de análise na qual o bilíngue é comparado aos monolíngues de cada uma das línguas. Cook (2003) argumenta que a visão monolíngue do bilinguismo é injustificável tanto sob uma perspectiva demográfica, dado que a maioria da população mundial é bilíngue (BHATIA & RICHIE, 2004)⁴, quanto sob uma perspectiva cognitiva, uma vez que o estado bilíngue, e não o monolíngue, ilustra o potencial funcional da mente humana. De fato, a concepção de Grosjean de que o bilíngue apresenta um sistema linguístico integrado e independente torna a comparação entre o bilíngue e o monolíngue equivocada exatamente

³ Apud Cook (2003).

⁴ Apud Schwartz e Kroll (2006).

pelo fato de que o sistema bilíngue não pode ser decomposto entre os dois sistemas monolíngues isoladamente.

Ademais, o viés monolíngue exerceu influências sobre o objeto de estudo da psicolinguística do bilinguismo. Os fenômenos observados constituíram, em maioria, desvios em relação ao monolíngue, excluindo fenômenos que, por definição, jamais seriam observados no falante monolíngue devido ao status da mente bilíngue como sistema independente. Grosjean (1989) aponta que fenômenos como empréstimos e *code-switching* (alternância entre duas línguas em um único evento de produção), por exemplo, foram negligenciados ou tratados como mau uso das línguas, quando, na verdade, são evidências claras de compartilhamento dos sistemas linguísticos da L1 e da L2.

A coexistência de duas línguas na mente do bilíngue traz questionamentos importantes em relação à natureza das representações e às estratégias de processamento do falante multi-competente. Em primeiro lugar, faz-se necessário explicar a habilidade do bilíngue em operar de maneira bem-sucedida tanto em modo monolíngue (seja na L1 ou na L2) quanto em modo bilíngue, extremos do contínuo situacional proposto por Grosjean (1989). No modo monolíngue, LX é ativada em função do interlocutor, e LY⁵ é inibida (ainda que nunca completamente, com instâncias de influência involuntária da língua “desativada”), enquanto no modo bilíngue as duas línguas estão pelo menos parcialmente ativadas, com a escolha de uma LX base com inclusões da LY quando necessário. Em segundo lugar, não existe na literatura uma definição clara dos tipos de representação que podem ser compartilhados entre a L1 e a L2 – se são restritos a palavras e conceitos, ou se outros aspectos são passíveis de compartilhamento, como a sintaxe (HARTSUIKER et al., 2004).

Cook (2003) propõe um contínuo de integração que tem como extremos a integração total e a separação total da L1 e L2, embora nenhum dos dois seja possível. As línguas não são completamente integradas, dado que o bilíngue possui a habilidade de escolher qual delas utilizar em um devido contexto, mas também não há uma supressão completa da língua não-pretendida em favor da outra, porque as duas línguas estão na mesma mente (p. 7). Existem modelos de compreensão e produção bilíngue que oferecem esclarecimentos

⁵ São utilizados os termos LX e LY para indicar que a língua em questão pode ser a L1 ou L2.

acerca da configuração representacional bilíngue. Na seção seguinte, descrevo o modelo BIA+ de reconhecimento de palavras e sentenças de Dijkstra e Van Heuven (2002) e o modelo de produção bilíngue de Hartsuiker et al. (2004), baseado no modelo de acesso lexical na produção de palavras e sentenças de Levelt et al. (1999), e aponto suas contribuições para os presentes questionamentos.

1.1.1. O modelo BIA+ de reconhecimento de palavras e sentenças de Dijkstra e Van Heuven (2002)

Dijkstra e Van Heuven (2002) propõem um modelo integrado de reconhecimento de palavras e sentenças⁶, o Bilingual Interactive Activation + (BIA+). Este modelo é complementar ao modelo de controle inibitório (IC) de Green (1998) e se baseia nas premissas de integração das representações lexicais das duas línguas e do acesso lexical não-seletivo entre a L1 e a L2. Neste modelo (ilustrado na figura 1 abaixo), o estímulo visual ativa as representações sublexicais ortográficas que, por sua vez, ativam simultaneamente representações ortográficas da palavra como um todo e suas representações fonológicas. Em seguida, são ativadas as representações semânticas e os nódulos linguísticos (representações que indicam a qual língua um item lexical pertence). O estímulo auditivo passa pelo mesmo processo de reconhecimento, com a diferença que as representações fonológicas e semânticas da palavra como um todo são ativadas após a ativação de representações sublexicais fonológicas. Adicionalmente ao sistema de identificação, o BIA+ oferece um subsistema de tarefa/decisão responsável por definir as ações relevantes para a tarefa em questão, com base nas informações obtidas através do processo de identificação da palavra. O subsistema de tarefa/decisão não tem influências sobre o sistema de identificação de palavras.⁷

⁶ Reconhecimento visual de palavras é a recuperação de representações ortográficas do léxico correspondentes à sequência de letras apresentada (Grainger e Dijkstra, 1996 apud Dijkstra e Van Heuven, 2002).

⁷ Para uma exposição detalhada da relação entre os dois subsistemas, veja Dijkstra e Van Heuven (2002).

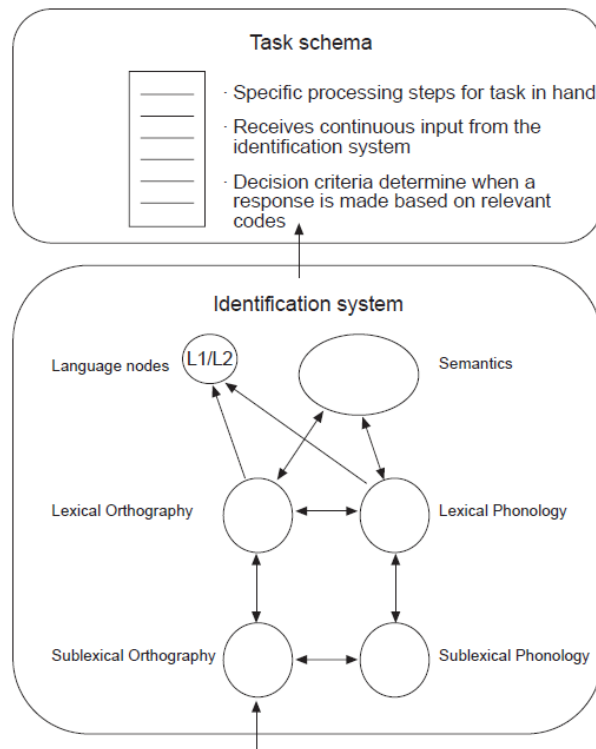


Figura 1 - Modelo BIA+ de reconhecimento de palavras e sentenças

O argumento para a não-seletividade linguística no reconhecimento de palavras vem da observação que representações de palavras concorrentes, ativadas por efeitos de *priming* ou da densidade da vizinhança ortográfica ou segmental ao estímulo, são ativadas independentemente da língua à qual pertencem. Os autores reportam os resultados do estudo de *masked priming* translinguístico de Bijeljac-Babic, Biardeau e Granger (1997) como evidência para a não-seletividade baseada na observação de que o conhecimento lexical de uma língua apresenta efeitos inibitórios no reconhecimento de palavras da outra (p. 179). Segue que a atribuição de uma palavra à LX ou LY é parte final do processo de reconhecimento. Os nódulos linguísticos nesse modelo estariam incluídos na representação lematizada⁸ do item lexical, sem influência *top-down* sobre o reconhecimento das palavras – de fato, o processo de reconhecimento de palavras é *bottom-up*, ou seja, os bilíngues não são capazes de regular a ativação de uma ou outra língua. A identificação da língua à qual

⁸ As representações lematizadas se encontrariam entre as representações de conceito e forma, como em Level et al. (1999). O BIA+ não inclui as representações lematizadas com o objetivo de manter a simplicidade do modelo, e estabelece que os nódulos linguísticos são diretamente ligados às representações da forma lexical (p. 186).

pertence o estímulo, portanto, ocorre tardiamente no processo e não serve como um filtro de compreensão que elimina os candidatos da língua não-pretendida.

1.1.2. O modelo de acesso lexical na produção de palavras e sentenças de Levelt et al. (1999)

Levelt et al. (1999) propõem um modelo de acesso lexical na produção de palavras e sentenças dividido em etapas de processamento sequenciais com ativação por alimentação direta nos níveis do conceito, do lema e da forma. A preparação conceitual resulta na ativação do conceito lexical, e, por vezes, lida com o que os autores chamam de “o problema da verbalização” (Bierwisch e Schreuder, 1992 apud Levelt et al., 1999), que consiste na forma como a informação a ser expressa é codificada em uma mensagem (estrutura conceitual a ser formulada) composta por conceitos lexicais, dado que não existe um mapeamento direto entre as noções a serem expressas e mensagens (p. 3). O processo subsequente de seleção lexical consiste na seleção do lema para a expressão do conceito lexical ativo. Cada conceito lexical ativa os nódulos lemáticos correspondentes, e a seleção do lema, segundo o modelo, é “um mecanismo estatístico, que favorece a seleção do lema mais ativo” (p. 4).

Após a seleção do lema, o falante deixa o domínio conceitual/sintático e entra no domínio fonológico/articulatório. A codificação morfofonológica do lema selecionado consiste em recuperar no léxico sua forma fonológica, para que sejam preparados os gestos articulatórios apropriados ao seu contexto prosódico, finalmente enviados ao articulador. Vale notar que os autores apontam o fenômeno do *tip-of-the-tongue* (inabilidade momentânea de ativar as informações morfológicas e fonológicas do lema) para ilustrar a divisão entre os domínios conceitual/semântico e fonológico/articulatório, e indicam que o acesso à forma é o *locus* exclusivo dos efeitos de frequência no processo produtivo (Jescheniak e Levelt, 1994 apud Levelt et al., 1999). Uma última observação sobre esse modelo de produção é que existe um mecanismo de auto-monitoramento que, apesar de não incluir a produção pós-articulatória, é exercido sobre as representações fonéticas e fonológicas resultantes da codificação morfofonológica. A reanálise do produto do formulador pode resultar em aumento no tempo de codificação da fala.

A figura 2 traz um fragmento da rede lexical do verbo *escort* (escortar, em inglês) que subjaz o acesso lexical em uma sentença com expressão de presente progressivo:

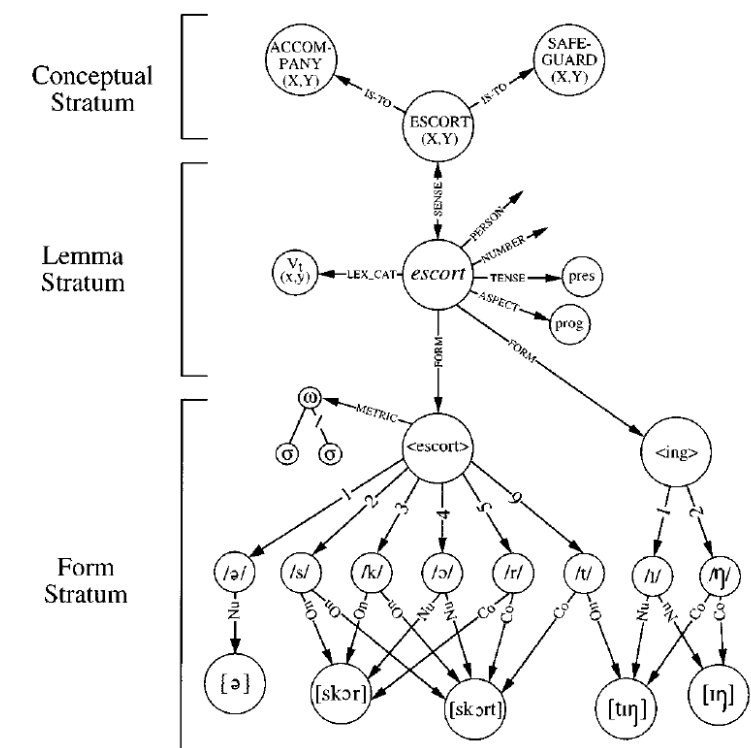


Figura 2 – Fragmento da rede lexical subjacente ao acesso lexical

Os nós conceituais presentes no nível conceitual representam o significado do verbo *escort*, representado por *ESCORT (X,Y)* (o conceito e os participantes), e suas conexões com outros nós conceituais semanticamente relacionados. O conceito lexical ativo aciona então os nós do nível do lema, onde se encontram informações sobre categoria lexical, traços (número, pessoa, tempo, aspecto, gênero, caso, etc.) e fatores combinatoriais (cadeia de subcategorização, cadeia temática e informações além da estrutura argumental). É feita então a passagem do domínio conceitual/sintático para o domínio fonológico/articulatório, com a ativação de informações sobre a configuração morfológica, a métrica e a configuração segmental referentes ao lema ativado.

O trabalho de Levelt et al. (1999) serviu como base para propostas de modelos de produção bilíngue. Hartsuiker e Pickering (2008) apresentam uma revisão de três destes modelos: De Bot (1992), Ullman (2001) e Hartsuiker et al. (2004). Os modelos são comparados em termos de presença de efeitos de *priming* sintático translinguístico, diferenças entre influências sintáticas trans- e intralinguísticas, vulnerabilidade de

influências translinguísticas à proximidade entre a L1 e a L2, e a níveis de proficiência na L2. Dentre eles, o único modelo que engloba a influência translinguística tanto da L1 para a L2 e da L2 para a L1 é o modelo de Hartsuiker et al. (2004), descrito a seguir.

1.1.3. O modelo de produção bilíngue de Hartsuiker et al. (2004)

Assim como o modelo de Levelt et al. (1999), o modelo de produção bilíngue de Hartsuiker et al. (2004) é composto por um conceitualizador, onde as intenções são transformadas em linguagem, um formulador, onde ocorre a conversão da mensagem pré-verbal em um plano fonético, um articulador, onde o plano fonético é transformado em discurso, e um sistema de compreensão de discurso, que monitora a própria enunciação.

Este modelo propõe o compartilhamento das representações sintáticas entre as línguas, tanto na produção quanto na compreensão, uma vez que a ativação de um lema e um nóculo combinatorial ativa uma estrutura gramatical independente da língua. Assim, um lema em LX ativado a partir de um nóculo conceitual provoca a ativação do lema correspondente em LY, como ilustrado na figura 3: quando o lema *hit* (*bater*, no inglês) é ativado através do nóculo conceitual HIT (X, Y), o lema *golpear* (*bater*, no espanhol) também é ativado. A hipótese da sintaxe compartilhada defendida por Hartsuiker et al. tem base nos resultados de seu estudo de *priming* sintático translinguístico em que bilíngues L1 espanhol L2 inglês produziram mais construções passivas na L1 quando seguidas de construções passivas na L2 em relação a construções ativas e intransitivas. Dessa forma, para os bilíngues do estudo, “a vantagem de armazenar parcimoniosamente uma configuração sintática [da L2] uma vez supera a desvantagem de ter que levar em conta todas as outras alternativas da outra língua” (p. 412).

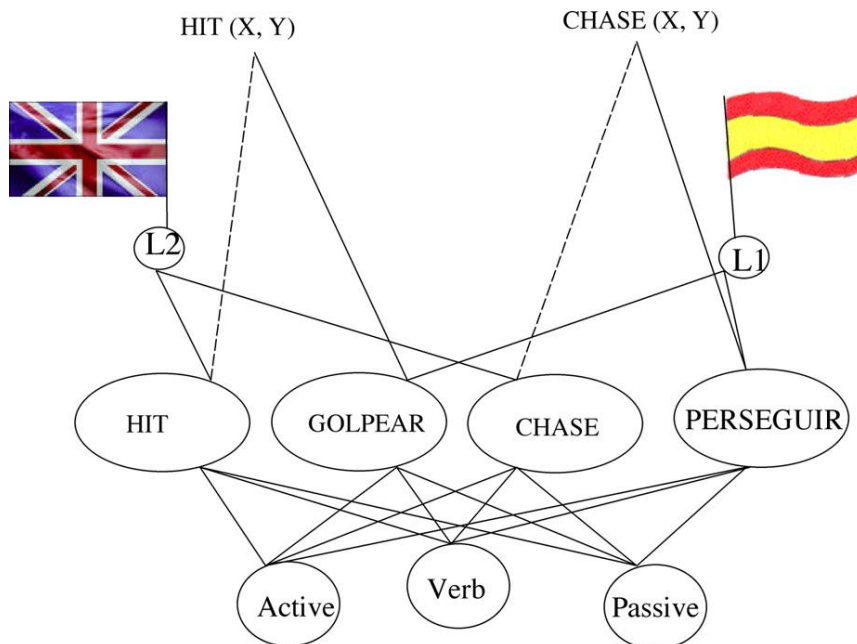


Figura 3 – Modelo de representação linguística bilingue compartilhada

Os modelos de compreensão e produção acima descritos servem dois propósitos principais a este estudo. Primeiramente, os modelos de Dijkstra e Van Heuven (2002) e de Hartsuiker et al. (2004) atestaram que há compartilhamento do léxico, concepção essencial à análise translinguística da construção passiva proposta neste estudo. Embora Hartsuiker et al. apontem o fato de que a extensão do compartilhamento representacional bilingue ainda requer investigação, estes modelos não deixam dúvidas de que o acesso lexical é não-seletivo em relação à língua e que o falante bilingue tem à sua disposição nódulos lexicais que podem ser relacionados a nódulos combinatoriais (e.g. configurações argumentais) adquiridos tanto da L1 quanto da L2. Em segundo lugar, eles oferecem uma base teórica sobre a qual é possível tecer hipóteses sobre a diferença entre o comportamento do monolíngue do PB e do bilingue L1 PB L2 inglês em relação à construção passiva, observada neste estudo através do contraste da compreensão e da produção da construção entre os dois perfis linguísticos. É importante ressaltar que o contraste estabelecido não tem como objetivo *avaliar* o bilingue em relação ao monolíngue, e sim observar o sistema linguístico resultante do contato do PB com o inglês como L2 na mente do bilingue em relação ao sistema linguístico do PB isolado, presente na mente do monolíngue. A premissa é a de que quaisquer diferenças observadas em relação à construção passiva entre bilingues e monolíngues terá como causa a influência da L2.

Os estudos da influência da L2 sobre a L1, ou transferência reversa (Cook, 2003), estão presentes em menor número do que os estudos sobre a influência da L1 sobre a L2 na literatura psicolinguística – em grande parte devido ao viés monolíngue discutido anteriormente. Apesar de menos numerosos, os estudos sobre transferência reversa têm oferecido contribuições valiosas para a questão da integração entre a L1 e a L2. O estudo conduzido por Dussias (2003) sobre a solução de ambiguidade sintática translinguística trouxe evidências sobre a influência da L2 no processamento sintático da L2. Bilíngues L1 espanhol L2 inglês atribuem a oração adjetiva restritiva ao constituinte mais baixo (*low-attachment*), preferência de processamento do inglês, mesmo lendo a sentença em espanhol. Souza et al. (2014) reportaram, através de julgamentos de aceitabilidade aplicados em monolíngues do PB e bilíngues L1 PB L2 inglês em situação de não-dominância, que os bilíngues apresentam níveis de aceitabilidade intermediários para sentenças em PB apresentando a causativização de verbos inergativos de modo de movimento e construções resultativas adjetivas, licenciadas no inglês, mas não no PB. Os autores postulam que “o mecanismo subjacente ao afastamento das restrições da L1 entre bilíngues é robusto, e relativamente independente de construções singulares” (p. 208).

A afirmação de Hartsuiker et al. (2004) de que os resultados obtidos em um determinado experimento dizem respeito a “um tipo de construção, em um par linguístico, com um tipo de bilíngue” (p. 413) é aparentemente contraditória aos efeitos de transferência reversa consistentemente encontrada nos experimentos reportados por Souza et al. (2014), que indicam que a influência da L2 sobre a L1 parece ser um fenômeno não diretamente relacionado à estrutura sintática específica. A contradição é apenas aparente pois, ainda que os resultados de Souza et al. tenham sido semelhantes para os dois tipos de construção, não é possível afirmar que haverá efeitos de transferência de todos os tipos de construções do inglês para o PB. Essa é a motivação primária para analisar uma estrutura presente nestas duas línguas e amplamente estudada na literatura psicolinguística (HARTSUIKER et al., 2004; FERREIRA, 2003; BOCK, 1986, entre vários outros), mas que apresenta comportamento discrepante no PB e no inglês. Este estudo busca, então, contribuir para a literatura sobre a natureza do sistema representacional

bilíngue, bem como verticalizar a pesquisa sobre o bilinguismo observado em falantes do PB como L1, usuários de inglês como L2, residentes no Brasil.

1.2. A CONSTRUÇÃO PASSIVA

1.2.1. A passiva como construção dentro da Gramática de Construções

Em uma visão mais formalista da sintaxe, a estrutura argumental é a propriedade do verbo de determinar o número de SNs e outros constituintes necessários em uma construção gramatical (JUFFS, 2000). Essa concepção implica que a estrutura argumental está codificada no item lexical (GRIMSHAW, 1992 apud SOUZA e MELLO, 2007), fazendo com que instâncias de variação translinguística sejam atribuídas às idiosincrasias da língua em questão. O verbo do inglês *run*, por exemplo, aceita a alternância do movimento induzido, ao contrário do verbo *correr* no PB:

1. The researchers ran the mouse through the maze.
2. *Os pesquisadores correram o rato pelo labirinto.

A agramaticalidade de (2) no PB decorreria então das propriedades semânticas do verbo: *correr* não apresenta possibilidade de controle externo, como é o caso do verbo correspondente *run*, do inglês e, portanto, não aceita causativização (CAMBRUSSI, 2009). Dentro da proposta da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), a estrutura sintática presente em (1) e (2) é uma construção resultante do pareamento da estrutura semântica X CAUSE Y TO MOVE TO Z com a expressão formal correspondente (SN, SV, SN, SP).

Goldberg (1995) critica a atribuição de idiosincrasias somente ao item lexical, e argumenta que uma abordagem *bottom-up* (lexicalista) da estrutura argumental não dá conta dos fenômenos observados no inglês (p. 1). Estruturas levemente distintas apresentando os mesmos itens lexicais, por exemplo, apresentam diferenças de significado e licenciamento. Dentre as sentenças (3)-(5) abaixo, apenas a sentença (3) consegue transmitir a mensagem de que uma pessoa descobriu que a outra era mexicana após olhar alguns arquivos⁹:

3. When I looked in the files, I found that she was Mexican.

Quando eu olhei os arquivos, eu descobri que ela era mexicana.

⁹ Exemplos de Borkin (1974) apud Goldberg (1995; 3).

4. ? When I looked in the files I found her to be Mexican.
Quando eu olhei os arquivos eu a descobri ser mexicana.
5. *When I looked in the files I found her Mexican.
Quando eu olhei os arquivos eu a descobri mexicana.

A infelicidade de (4) e a impossibilidade de (5) não podem ser explicadas apenas pelo verbo, uma vez que (3) apresenta os mesmos itens lexicais e atende aos critérios de felicidade e gramaticalidade da língua inglesa. As diferenças são resultantes das restrições das construções sobre os itens lexicais – e não o inverso.

Toma-se construções, portanto, como entidades teóricas autônomas, independentemente representadas na mente do falante e cujo significado não depende dos itens lexicais que nela ocorrem (GOLDBERG, 1995; ELLIS, 2003). Construções mostram efeitos de protótipos: o sentido global da proposição é alcançado através da combinação das propriedades semânticas do verbo com o sentido central da construção. Uma vez que cada construção de oração simples codifica um evento básico à experiência humana, os fatores de licenciamento de uma construção não se restringem a padrões distribucionais de categorias morfológicas, mas sim ao caráter cíclico da semântica e da sintaxe: é a construção, e não o verbo, que tem o poder de seleção argumental (BOLINGER, 1968, apud GOLDBERG, 1995; 3).

A colocação da construção como entidade independente implica a rejeição da existência de formas subjacentes ou de estruturas profundas, resultando em um modelo não-transformacional no qual construções não-canônicas não são simples variações de construções canônicas. Isso significa que a construção passiva não pode ser considerada uma construção “derivada” da construção ativa. Entretanto, Goldberg (1995) aponta que construções de orações complexas, como a construção passiva, não codificam cenas básicas da experiência humana, mas apenas oferecem alternativas à estrutura informacional da oração. Diferentemente das construções de orações simples, as construções de orações complexas se relacionam ao conhecimento pragmático que pode, por exemplo, exigir a topicalização ou focalização de determinado argumento em dado contexto linguístico. Ellis (2003) aponta que a forma como estruturamos sentenças é reflexo de nossa percepção e categorização do mundo real:

“Os diferentes graus de saliência ou proeminência dos elementos envolvidos nas situações que desejamos descrever afetam a seleção do sujeito, objeto, adverbiais e outros elementos da sentença (...). Na produção, o que expressamos reflete quais partes do evento atraem nossa atenção (...). Na compreensão, construções linguísticas abstratas (como locativos, dativos e passivas) servem como uma “lente de aumento” para o ouvinte, guiando a sua atenção para uma perspectiva particular da cena, ao mesmo tempo que coloca outros aspectos no fundo” (p. 65).

Além de especificar propriedades de uma expressão definindo sua forma semântica, sintática e morfológica, a construção também especifica as funções semânticas, pragmáticas e / ou do discurso associadas a ela. A assimetria observada na aceitação da causativização ilustrada em (1) e (2) é atribuída diretamente às construções: a construção que indica a indução externa do movimento no PB não está associada a uma estrutura formal apresentando causativização sintética, e sim a uma estrutura com ocorrência de verbo causativo explícito, como (6):

6. Os pesquisadores fizeram o rato correr pelo labirinto.

A construção passiva é então definida como uma estrutura complexa que não reflete uma experiência básica, mas sim uma necessidade pragmática do falante de reconfigurar a estrutura informacional da expressão. No PB, as funções pragmáticas principais exercidas pela passiva são a de retirada do agente proposicional e topicalização do objeto, embora esses efeitos não sejam exclusivamente alcançados através da passiva. É necessário, porém, definir estruturalmente a construção passiva para a operacionalização da sua comparação em relação às alternativas disponíveis no PB e à construção presente no inglês, como aqui proposto. Hawad (2004) oferece uma definição compreensiva da passiva dentro da gramática tradicional, considerada satisfatória para a delimitação do objeto deste estudo:

“A voz passiva propriamente dita, denominada “analítica” tradicionalmente, caracteriza-se, em nível sintático-semântico, por ter o paciente da ação verbal na função de sujeito e, em nível morfossintático, por construir-se como uma locução verbal formada pelo particípio do verbo principal e, tipicamente, pelo verbo auxiliar *ser*.” (p.23).

A gramática tradicional (doravante GT) pressupõe uma reversibilidade entre as construções ativa e passiva para verbos transitivos: se o verbo seleciona um objeto não preposicionado, ele pode necessariamente ocorrer na construção passiva; conseqüentemente, todos os verbos que ocorrem na construção passiva podem ser encontrados na construção ativa (HAWAD, 2004). Embora tenhamos adotado esse conceito de reversibilidade para restringir os verbos observados neste estudo, não compartilhamos

da perspectiva lexicalista de teorias derivacionais da sintaxe nas quais o verbo, e não a construção, seleciona a estrutura argumental. Nos limitamos então à observação de verbos passíveis de ocorrer nas duas construções, i.e., verbos semanticamente congruentes com a estrutura argumental selecionada tanto pela construção ativa quanto pela construção passiva. A propriedade de reversibilidade pode ser observada nas sentenças (7) e (8), apresentando o verbo *lavar*:

7. O funcionário está lavando o carro.

8. O carro está sendo lavado.

A construção correspondente à passiva analítica no inglês é denominada por Levin (1993) “passiva verbal”¹⁰, e, de maneira semelhante à passiva descrita na GT, apresenta verbo auxiliar *be* (correspondente ao *ser* da passiva no PB¹¹) seguido pela forma participial do verbo principal, assim como permite a reversibilidade entre ativa e passiva (exemplos retirados de LEVIN, 1993; 86, e suas traduções literais no PB):

9. The cook sliced the mushrooms.

O cozinheiro fatiou os cogumelos.

10. The mushrooms were sliced by the cook.

Os cogumelos foram fatiados pelo cozinheiro.

O inglês permite a passivização de estruturas apresentando objeto precedido por preposição quando esta é idiomáticamente selecionada pelo verbo, i.e., quando uma alteração na preposição implica em mudança no significado ou até mesmo agramaticalidade da sentença:

11. The employees took advantage of the lack supervision.

Os funcionários tiraram proveito da supervisão descuidada.

12. The lax supervision was taken advantage of.

A supervisão descuidada foi tirada proveito de.

Não obstante, existe ainda a possibilidade de passivizar verbos inergativos cujo adjunto é preposicionado, desde que apresentem sujeito animado: são as chamadas

¹⁰ Por motivos de praticidade, nos referiremos tanto à “passiva analítica” da GT quanto à “passiva verbal” descrita por Levin (1993) simplesmente como “passivas”.

¹¹ Em momento oportuno, será discutido o mapeamento do verbo auxiliar *be* nos verbos *ser* e *estar* no PB, bem como suas implicações para a análise das estruturas resultantes.

“passivas preposicionais” ou “passivas preposicionais de adjunto” (LEVIN, 1993; 86; TSENG, 2007):

13. George Washington slept in this bed.

George Washington dormiu nesta cama.

14. This bed was slept in by George Washington.

Esta cama foi dormida em por George Washington.

Tseng (2007) aponta a dificuldade que passivas preposicionais representam para a teoria lexicalista:

“Por princípio, adjuntos não são selecionados pelo verbo e não são visíveis em sua descrição lexical. Seria impossível, num primeiro momento, derivar uma entrada lexical para o verbo no particípio partindo de seu verbo intransitivo, já que o sujeito da passiva é originado em um SP modificador inacessível” (p. 279).

A abordagem construcionista dá conta desse fenômeno, uma vez que atribuímos à construção o papel de selecionar a classe de verbos inergativos licenciados. Essa classe, no entanto, ainda precisa de maiores especificações (LEVIN, 1993; 86). Finalmente, as passivas preposicionais não serão inclusas neste estudo pela impossibilidade de utilizá-la como forma de contraste no PB e no inglês.

1.2.2. A equivalência estrutural entre a passiva no PB e no inglês

As construções passivas definidas na seção anterior atendem às mesmas exigências nas duas línguas:

- (i) têm as funções de suprimir o agente da proposição e de topicalizar o objeto;
- (ii) são formadas pelo verbo auxiliar *ser/be* seguidas pela forma participial do verbo principal;
- (iii) apresentam a propriedade da reversibilidade entre a ativa e a passiva;
- (iv) permitem a indicação do agente da passiva em caso oblíquo, sem alteração da proposição original (GIVÓN, 1990).

Esses parâmetros são especialmente úteis na identificação de construções passivas no inglês, língua em que a restrição da configuração sintática não é em si suficiente devido às possibilidades de sentido do verbo de ligação em questão, o *be* – mapeado no PB como *ser* ou como *estar*.

No PB, essas duas entradas lexicais disponíveis permitem distinguir entre o sentido dinâmico e estativo de uma proposição mais objetivamente do que no inglês. Logo, construções do PB apresentando o verbo *ser* seguido de particípio, como em (15), foram consideradas construções passivas, enquanto construções apresentando o verbo *estar* seguido de particípio, como em (16), foram consideradas construções descritivas¹²:

15. O papel foi inventado na China.

16. Tio Carlos estava instalado aqui em Belo Horizonte.

O critério de categorização das sentenças do inglês como construções passivas, foi, além da sua configuração sintática, o seu correspondente no PB. Tomemos como exemplo a sentença (17), apresentando o verbo *retire* (aposentar-se)¹³:

17. The horse was retired from stud duty.

O cavalo foi aposentado das funções de garanhão.

A sentença (17) é considerada um exemplo de construção passiva pois atende aos critérios (i)-(iv) estabelecidos na introdução desta seção. Note que a adição do sintagma preposicional agente, ilustrada em (18), mantém o sentido original da sentença:

18. The horse was retired from stud duty by the trainer.

O cavalo foi aposentado das funções de garanhão pelo treinador.

Contudo, sentenças do inglês apresentando a configuração sintática desejada, mas cuja forma correspondente no PB pode apresentar tanto o verbo *ser* quanto o verbo *estar* sem que haja alteração do sentido descritivo da proposição não entraram nas análises deste estudo:

19. These horses are retired.

Estes cavalos estão aposentados.

Estes cavalos são aposentados.

É importante observar que a possibilidade de utilização tanto do *ser* quanto do *estar* na sentença correspondente a (19) no PB não gera ambiguidade acerca de seu status como sentença descritiva. A diferença de sentido entre os verbos de ligação é apenas a de estado temporário ou permanente, e *retired* mantém a função de complemento nominal das duas formas. Construções passivas não apresentam essa opcionalidade. Substituindo-se o verbo

¹² As sentenças (15) e (16) são versões curtas de ocorrências do C-Oral-Brasil I.

¹³ As sentenças (17) e (19) são versões curtas de ocorrências do SBCSAE.

de ligação da sentença (16), por exemplo, temos a improvável sentença (20), que não satisfaz as condições de felicidade no PB:

20. ? O papel estava/esteve inventado na China.

É possível notar ainda que a adição do sintagma preposicional agente na sentença (19), ilustrada na sentença (21) abaixo, resulta em uma construção que não satisfaz as condições de felicidade em inglês ou no PB:

21. ? These horses are retired by the trainer.

? *Estes cavalos estão aposentados pelo treinador.*

? *Estes cavalos são aposentados pelo treinador.*

Finalmente, não serão levadas em conta as passivas utilizando o verbo *get* no inglês por apresentarem restrições semântico-pragmáticas que não se aplicam à passiva com verbo auxiliar *be*. As estruturas que utilizam o *get* como verbo auxiliar normalmente se referem a ações inesperadas ou acidentais, como (22), e não aceitam verbos estativos, como ilustrado em (23):

22. His car got stolen in front of his house last night.

Seu carro foi roubado na frente de sua casa ontem à noite.

23. Nothing is known about the thief.

*Nothing got known about the thief.

Não se sabe nada sobre o ladrão.

1.3. ALTERNATIVAS DO PB

1.3.1. A partícula “se”

A partícula *se* do PB é encontrada em construções reflexivas (24) e recíprocas (25), e exercem ainda a função de atribuir um caráter dramático à ação (26) (SAID ALI, 2008):

24. Pedro matou-se.

25. Eles odeiam-se.

26. O homem foi-se.

A partícula é também um mecanismo de retirada do agente da proposição (SAID ALI, 2008; HAWAD, 2004). Não obstante a função específica, a natureza da estrutura apresentando o *se* é motivo de debate. Em sentenças como (27), a partícula *se* pode ser

considerada partícula apassivadora (*se* indefinido) ou índice de indeterminação do sujeito (*se* impessoal), embora a literatura ofereça evidências em favor da segunda opção (SAID ALI, 2008; CYRINO, 2007):

27. Vende-se pão.

A forma da construção passiva observada em (27) é tradicionalmente denominada “passiva sintética”, e é construída a partir da afixação do clítico *se* a um verbo que aceita complemento não preposicionado. Em termos de sua funcionalidade em relação à estrutura informacional do texto, tanto a passiva sintética aqui descrita quanto a passiva analítica (definida na seção 1.2.1) são mecanismos de expressão de um Processo sem a especificação do Agente. Entretanto, na forma não marcada, apenas a passiva analítica permite a tematização do Objeto, enquanto a passiva sintética tematiza o Processo. Embora a tematização do Objeto seja a motivação principal para a escolha da forma analítica, a tematização do Processo não é fator relevante para a escolha da forma sintética (HAWAD 2004; 106, 117).

Vale ressaltar que a passiva sintética e a passiva analítica não são completamente intercambiáveis. A sentença (27) poderia facilmente ocorrer na forma analítica ilustrada em (28), enquanto a alternância de (29) resulta na sentença agramatical (30):

28. Pão é vendido.

29. Vai-se muito à igreja.

30. *À igreja é ido muito.

A estrutura da passiva sintética no PB é, na verdade, classificada como construção ativa sem sujeito na análise diacrônica de Said Ali: “Pelo histórico que fizemos do [*se*] medial, a dúvida deixa de subsistir. Consideramos o reflexivo *se* como elemento formativo do medial analítico; não o destacamos do verbo; temos uma oração sem sujeito *gramatical*” (2008; 106). O argumento parte do princípio de que o verbo em primeira posição na oração pode ser substituído por um número infinito de outros verbos, assim como o substantivo que se segue. O único elemento constante é “a *pessoa* inominada, a incógnita real ou fingida, de quem a ação necessariamente dimana” (p. 107-108).

Cyrino (2007), por outro lado, se baseia na ausência de concordância entre o verbo e seu argumento interno, observada em análise diacrônica de corpora, para afirmar que as

estruturas com o *se* como partícula apassivadora não ocorrem no PB desde o final do século XIX: “o *se* passivo, que detona a concordância do verbo com o DP argumento interno, desapareceu completamente” (p. 90). A substituição do SN em (27) por outro SN com traço de plural (31) não modifica a morfologia do verbo e mantém o sentido da proposição. Ademais, a partícula *se* não permite a indicação do agente com SP. A leitura não pretendida da sentença (32) é a de que um agente, ainda indefinido, realiza a ação de vender cenouras no lugar do Pedro:

31. Vende-se cenouras.

32. ? Vende-se cenouras pelo Pedro.

Logo, com base nos estudos de Said Ali (2008) e Cyrino (2007), não categorizamos estruturas apresentando a partícula *se* como construções passivas, mas sim como mecanismos de supressão do agente e topicalização do objeto concorrentes à passiva. Já no inglês, sentenças com sujeito indeterminado também são sentenças ativas. Sendo esta uma língua não pro-drop, a indeterminação do sujeito pode ser indicada pelo uso do pronome pessoal de terceira pessoa do plural *they*:

33. They are fixing the road.

Eles estão consertando a estrada.

1.3.2. Construções com promoção do argumento

Uma segunda alternativa ao uso da passiva para supressão do agente e topicalização do objeto são as construções com promoção do argumento. A sentença (34), na qual o argumento interno do verbo ocorre em posição de sujeito, é equivalente à sentença (35) na passiva (exemplos de CYRINO, 2007). Entretanto, esta estrutura não é licenciada no inglês, como observado em (36):

34. A revista está xerocando.

35. A revista está sendo xerocada.

36. *The magazine is copying.

Apesar de não haver indicação do agente em nenhuma das duas estruturas, não houve em (34) uma supressão do agente, porque este tipo de construção não projeta um argumento externo. Essa característica pode ser observada a partir da adição de um adjunto

expressando intenção, que resulta em uma sentença sem sentido (37). Note que a mesma adição na construção passiva não apresenta problemas (38):

37. ? A revista está xerocando para ganhar tempo.

38. A revista está sendo xerocada para ganhar tempo.

A sentença (37) perde o sentido porque o sujeito de *para ganhar tempo* seria o agente implícito da ação de *xerocar*. A configuração sintática de uma construção com promoção de argumento é idêntica à de uma construção ativa. É previsível, então, que a construção aceite apenas sujeitos sem o traço de animacidade porque um sujeito animado é qualificado para receber o papel temático de agente:

39. ? Rafael está avaliando para o cargo.

40. Rafael está sendo avaliado para o cargo.

Outras duas restrições se aplicam à ocorrência da construção. A primeira diz respeito à categoria semântica do verbo: o objeto precisa ser [+afetado], o que limita a construção à classe dos verbos “quasi-instrumentais” – verbos que “tomam um objeto direto que pressupõe a manipulação de um instrumento, mesmo que implicitamente” (CYRINO, 2007; 89). A segunda restrição estabelece que as sentenças devem ser atéticas:

41. *A revista xerocou ontem à noite.

Finalmente, a promoção do argumento se distingue tanto das construções incoativas, por não aceitarem verbos inacusativos, quando das construções médias, por não exigirem advérbio especial e não necessariamente apresentarem um caráter genérico.

1.4. HIPÓTESES DESTE ESTUDO

Apesar da passiva estar presente no PB e no inglês sob a mesma configuração sintática, não é possível afirmar que sua simples existência nas duas línguas seja em si evidência de que a construção é usada da mesma forma. A configuração sintática (SN, SV, SN, SAdj) é um exemplo de estrutura possível no PB, mas cuja representação construcional não coincide com aquela do inglês (OLIVEIRA, SOUZA, 2012):

42. John stabbed the man dead.

43. John esfaqueou o homem morto.

A expressão formal ilustrada em (42) é pareada a uma construção resultativa adjetiva no inglês, em que a mudança de estado sofrida pelo SN objeto é expressa pelo SAdj: *o homem*, portanto, morreu como resultado da ação de *esfaquear*. No PB, a leitura resultativa é barrada: na sentença (43), o SAdj é uma descrição do SN objeto (predicativo do objeto na GT).

Evidências de frequência em corpus (DUARTE, 1990), assim como a existência de alternativas presentes para a obtenção de efeitos semântico-pragmáticos semelhantes, nos levam a suspeitar que exista uma diferença distribucional da construção no PB e no inglês. Tal como apresentado na introdução do presente trabalho, foram levantadas duas hipóteses principais. A primeira delas é a de que construção passiva apresentaria um estado de produtividade diferente no PB e no inglês, a despeito da congruência na estrutura superficial. A segunda hipótese é a de que a diferença no comportamento do bilíngue L1 PB L2 inglês e do monolíngue do PB teria como causa influências de representações da L2, seja por facilitação ou inibição da construção na L1. As duas hipóteses foram testadas a partir de uma análise de corpora, um julgamento de aceitabilidade e duas tarefas de produção.

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de comparar o comportamento da construção passiva no PB e no inglês, bem como observar a possível influência da L2 inglês na produção da construção pelo bilíngue na sua L1 PB, lançamos mão de quatro estudos: uma análise de corpora de fala do PB e do inglês, um julgamento de aceitabilidade temporalizado, uma tarefa de eliciação de sentenças escrita e uma tarefa de eliciação de sentenças oral. Nas subseções abaixo, descrevemos a metodologia adotada em cada um dos estudos e, na seção seguinte, reportamos as análises, os resultados e suas discussões.

2.1. ANÁLISE DE CORPORA

A primeira parte deste estudo se ocupou em observar a produção da construção passiva pelos falantes do PB e do inglês através de uma análise de corpora de fala: O C-Oral-Brasil I (Raso e Mello, 2012) e o Santa Barbara Corpus of Spoken American English (Du Bois et al., 2000-2005), respectivamente.

2.1.1. *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*

O Santa Barbara Corpus of Spoken American English¹⁴ (parte do projeto International Corpus of English) é um corpus oral compilado entre os anos 2000 e 2005 pelo Departamento de Linguística da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, sob a direção de John W. Du Bois.¹⁵ As primeiras quatro partes do corpus, disponíveis tanto em forma de arquivos de texto quanto de áudio na página do departamento, apresentam um total de 249 mil palavras e trazem transcrições de 60 interações conversacionais de falantes de várias localidades dos Estados Unidos.

Os arquivos do SBCSAE trazem etiquetas de prosódia, mas não de categorias gramaticais. As transcrições foram então etiquetadas por categorias gramaticais através da

¹⁴ Doravante SBCSAE.

¹⁵ As informações sobre o Santa Barbara Corpus of Spoken American English foram obtidas na página do projeto: < <http://www.linguistics.ucsb.edu/research/santa-barbara-corpus>>. Acessado em 15/04/2015.

versão gratuita do etiquetador *online* CLAWS¹⁶. As buscas e análises primárias foram realizadas através do concordanceador de textos AntConc¹⁷.

2.1.2. C-Oral-Brasil I

O C-Oral-Brasil¹⁸ é um projeto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, organizado e coordenado por Raso e Mello, e se espelha no projeto de compilação de corpora oral das línguas românicas C-Oral-Rom. O C-Oral-Brasil é dividido em uma parte formal, ainda em fase de coleta, e uma parte informal, que compõe o C-Oral-Brasil I (utilizado neste estudo). A parte informal do corpus é composta por 263 mil palavras, e está igualmente dividida em três domínios: monólogos, diálogos e conversações. Ao contrário do SBCSAE, o C-Oral-Brasil I é etiquetado de acordo com categorias gramaticais.

Neste estudo, o corpus foi acessado através da Linguateca¹⁹, página dedicada à oferta de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa onde é possível acessar um grande número de outros corpora do português. Santos (2014) disponibiliza uma lista de códigos para a contagem de construções passivas e de verbos principais para o cálculo da frequência relativa²⁰.

2.2. JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

2.2.1. Participantes

Participaram desta tarefa 24 voluntários. Os participantes foram divididos em dois grupos de 12 sujeitos de acordo com seu perfil linguístico: monolíngues do PB ou bilíngues de alta proficiência L1 PB L2 inglês. Foram classificados como monolíngues aqueles que assim se declararam e que não haviam estudado inglês em ambiente formal por um período maior do que 6 meses. Os voluntários que não tinham certeza de seu nível de proficiência foram submetidos ao Vocabulary Levels Test de Nation (1990), aplicado com limite de

¹⁶ Disponível em <<http://ucrel.lancs.ac.uk/claws/>>. Acessado em 15/04/2015.

¹⁷ Disponível em <<http://www.laurenceanthony.net/software.html>>. Acessado em 15/05/2015.

¹⁸ As informações sobre o C-Oral-Brasil foram obtidas na página do projeto: <<http://c-oral-brasil.org/>>. Acessado em 15/04/2015.

¹⁹ Disponível em <<http://www.linguateca.pt/>>. Acessado em 15/04/2015.

²⁰ Agradeço a Diana Santos (Universidade de Oslo e Linguateca) por me orientar pessoalmente na consulta ao corpus.

tempo de 10 minutos. Foram considerados monolíngues os voluntários que obtiveram menos de 12 pontos na primeira seção do teste (palavras de alta frequência), e foram considerados bilíngues de alta proficiência aqueles que obtiveram 80% ou mais dos pontos do teste.²¹ Todos os sujeitos julgaram os mesmos itens experimentais.

2.2.2. *Materiais*

Os itens experimentais consistiram em 16 sentenças-alvo na construção passiva, 16 sentenças-controle gramaticais na construção ativa, 16 sentenças-controle agramaticais descritivas com indicação de agente e 48 sentenças distratoras balanceadas quanto ao status de gramaticalidade (disponíveis no apêndice A). Os estímulos apresentaram um número idêntico de sentenças gramaticais e agramaticais.

As sentenças-alvo desta tarefa foram adaptações das sentenças nas quais ocorreram os verbos mais frequentemente encontrados dentre as ocorrências da construção passiva nos corpora C-Oral-Brasil I e SBCSAE (tabela 1). Dentre os 10 verbos do corpus do PB, os verbos *fazer*, *usar*, *construir* e *colocar* têm o seu correspondente no corpus do inglês: *make*, *use*, *build* e *put*, respectivamente. Dado que os sujeitos deveriam julgar sentenças apenas em português, não houve motivação para usar o mesmo verbo em dois itens. Logo, foram elaboradas 16 sentenças-alvo, e não 20.

<i>Posição</i>	<i>C-Oral-Brasil I</i>	<i>SBCSAE</i>
1	fazer	call
2	usar	build
3	prender	make
4	construir	give
5	gerar	put
6	promover	enter
7	considerar	seat
8	produzir	retire
9	colocar	bring
10	gravar	use

Tabela 1 - verbos mais frequentemente encontrado em ocorrências de passiva nos corpora

²¹ Sobre serem considerados monolíngues falantes que já tiveram algum tipo de contato com a L2, Cook (2002) aponta as limitações em se observar monolíngues “puros”: “Restringir sujeitos monolíngues àqueles que nunca estudaram a língua na escola pode restringi-los a pessoas que não tiveram educação incompleta ou não-formal, ou que são muito velhos para terem estudado uma língua obrigatoriamente” (p. 13).

Além da tradução das ocorrências do SBCSAE para o português, foram feitas alterações nas sentenças selecionadas nos corpora de forma que o sujeito passou a apresentar o traço de animacidade em apenas 8 das 16 sentenças-alvo, as sentenças estavam no passado simples e continham por 14 ou 15 sílabas:

44. As fantasias foram colocadas no porão.

45. O adolescente foi preso por transportar drogas.

As sentenças-controle gramaticais ativas também foram elaboradas utilizando os verbos da tabela 1, e apresentaram 12 ou 13 sílabas. Conseqüentemente, os sujeitos foram expostos a cada verbo duas vezes: uma na construção passiva e outra na ativa. As sentenças (44) e (45) têm suas ativas correspondentes nas sentenças (46) e (47):

46. O homem colocou os livros na mala.

47. Os policiais prenderam o suspeito.

As sentenças-controle agramaticais descritivas foram adaptações de ocorrências retornadas na busca pelo verbo *be* seguido de verbo no particípio no SBCSAE que não correspondem a construções passivas, às quais foi adicionado um agente preposicionado:

48. ? O paciente está acordado pela enfermeira.

Este grupo controle foi elaborado com o propósito de estabelecer um parâmetro de agramaticalidade²², por ser uma estrutura idêntica à passiva no inglês, com a diferença de que a ocorrência do agente é barrada devido ao aspecto durativo do evento.

As sentenças distratoras apresentaram quatro tipos de violações: concordância entre sujeito e verbo, causativização de verbos inergativos (agramaticais no PB e no inglês), causativização de verbos de modo de movimento e resultativas adjetivas (agramaticais apenas no PB). As violações estão ilustradas nas sentenças (49)-(52):

49. O cachorro vieram para casa molhados.

50. O fazendeiro caiu o pêssego da árvore.

51. O instrutor correu os meninos pelo parque.

52. O garçom arrumou a mesa e a esfregou seca.

²² Sendo a construção ativa o parâmetro de gramaticalidade.

Os estímulos foram exibidos aos sujeitos através do software PsychoPy, que permite a randomização dos itens para cada sujeito, assim como o registro dos tempos de reação (RTs) dos julgamentos de cada item.

2.2.3. Procedimentos

Os sujeitos foram instruídos a julgar a naturalidade e aceitabilidade das sentenças exibidas em uma escala Likert variando de 1 a 5, sendo 1 a nota atribuída a uma sentença completamente inaceitável e 5 a nota atribuída a uma sentença completamente aceitável. Cada sentença ficou disponível na tela por 6 segundos, tempo no qual o sujeito deveria ler e indicar o julgamento de cada item no teclado do computador.

2.3. TAREFAS DE ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS

As tarefas de eliciação de sentenças utilizadas neste estudo foram baseadas nos pré-testes desenvolvidos por Gleitman et al. (2007). Os autores observaram os efeitos da manipulação da atenção visual sobre as escolhas linguísticas dos falantes em termos de ordem de palavras, escolha verbal e estrutura sintática em descrições orais de imagens ilustrando eventos. Os itens experimentais do estudo foram desenhados para eliciar o uso de quatro tipos de alternâncias linguísticas:

a. Ativa e passiva:

O chefe está demitindo o funcionário.

O funcionário está sendo demitido.

b. Predicados de perspectiva:

O homem está fugindo do cachorro.

O cachorro está perseguindo o homem.

c. Predicados simétricos:

Mariana conheceu Letícia.

Letícia conheceu Mariana.

d. SNs combinados

O cachorro e o gato estão rosnando um para o outro.

Essas alternâncias foram escolhidas porque, “apesar de serem semanticamente equivalentes, cada tipo difere no nível em que as alternativas compartilham a forma linguístico-estrutural, as implicações de discurso (e.g. Dado vs. Novo) e a estrutura informacional (e.g. Figura vs. Fundo)” (GLEITMAN ET AL., 2007:48).²³ Os verbos utilizados nos experimentos *online* foram testados quanto à possibilidade de ocorrência nas alternâncias em foco através de uma tarefa de normalização escrita, que resultou na eliminação de verbos que não ocorreram no mínimo uma vez em cada uma das alternâncias relevantes.

Este pré-teste serviu como base para os dois experimentos de eliciação de sentenças descritos a seguir. Foram coletadas, além de descrições escritas, descrições orais de imagens ilustrando eventos transitivos e seus períodos de latência entre a exibição do estímulo e o início da fala. Finalmente, a análise de influência tranlinguística pretendida por este estudo motivou a alteração da configuração da tarefa para que fosse feita uma análise entre sujeitos.

2.4. TAREFA DE ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS I: PRODUÇÃO ESCRITA

2.4.1. Participantes

Participaram deste experimento um total de 40 voluntários com idade entre 18 e 30 anos, dos quais 20 são monolíngues do PB e os 20 restantes são bilíngues de alta proficiência L1 PB L2 inglês. O perfil linguístico dos participantes foi definido de acordo com os parâmetros descritos no julgamento de aceitabilidade. Os sujeitos foram aleatoriamente divididos em dois grupos contendo 10 bilíngues e 10 monolíngues, expostos a duas listas de estímulos distintas.

2.4.2. Materiais

Os estímulos consistiram em 30 imagens ilustrando eventos transitivos e suas cópias espelhadas. Assim, cada evento foi ilustrado de duas formas: em uma imagem com o agente localizado na direita e o paciente na esquerda, e em uma segunda imagem com o paciente

²³ No original: “We chose these linguistic alternations because, although they are all semantically equivalent, each type differs in the extent to which the alternatives share the same linguistic-structural forms, the same discourse implications (e.g., Given vs. New), and the same information structure (e.g., Figure versus Ground).”

localizado na direita e o agente na esquerda. Para facilidade de tabulação, a cada imagem foi associado um verbo correspondente. As imagens foram alocadas em duas listas de 30 estímulos, igualmente distribuídos nas duas configurações agente/paciente. Nenhum verbo ocorreu duas vezes na mesma lista.

Destas 30 imagens, 14 foram aquelas utilizadas por Gleitman et al. (2007) no experimento com foco na alternância ativa/passiva.²⁴ As 16 restantes foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: clareza do evento ilustrado e da localização do agente e do paciente (à esquerda ou à direita da imagem), além da qualidade das cores e traços. Os dois participantes do evento na imagem compartilhavam o traço [+/- animado] e [+/- humano] uma vez que “criaturas com maior grau de animacidade tendem a ocorrer em posição de sujeito” (GLEITMAN ET AL., 2007; p. 545). Apenas a imagem do verbo *pisar*²⁵ mostrava um pé prestes a pisar em uma formiga e foi, portanto, eliminada da análise devido à diferença no traço [+/- humano]. Finalmente, as imagens foram exibidas aos sujeitos através do Easy TestMaker²⁶, um gerador de testes *online* que permite randomizar os estímulos para cada sujeito.

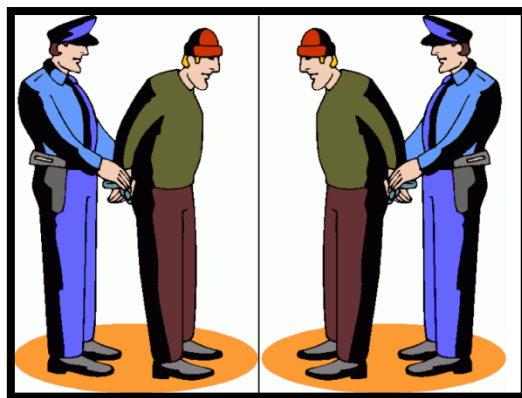


Figura 4- imagem utilizada para ilustrar o verbo prender (esq.) e sua cópia espelhada (dir.)

2.4.3. Procedimentos

Os sujeitos foram instruídos a descrever 30 imagens através de sentenças breves, digitadas diretamente no *site* da plataforma. O tempo máximo para a realização da tarefa foi de 40 minutos.

²⁴ Agradeço a Lila Gleitman e John Trueswell pela disponibilização das imagens.

²⁵ Imagem presente no estudo original.

²⁶ Disponível em <<http://easytestmaker.com>>. Acessado pela última vez em 17/11/2015.

2.5. TAREFA DE ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS II: PRODUÇÃO ORAL

2.5.1. Participantes

Participaram deste experimento os 24 voluntários que participaram da tarefa de julgamento de aceitabilidade, separados em dois grupos de maneira idêntica à tarefa de produção escrita.

2.5.2. Materiais

Os estímulos consistiram em 24 imagens ilustrando eventos transitivos e suas cópias espelhadas, alocados em duas listas de maneira idêntica à tarefa de produção escrita. As 24 imagens foram desenhadas sob instruções dos autores, seguindo os mesmos critérios de clareza do evento ilustrado, da localização do agente e do paciente à esquerda ou à direita da imagem. Diferentemente das imagens da tarefa de produção escrita, as imagens desta tarefa foram desenhadas em tons de preto sobre um fundo branco. Foram mantidas também as configurações de animacidade das imagens da tarefa escrita.

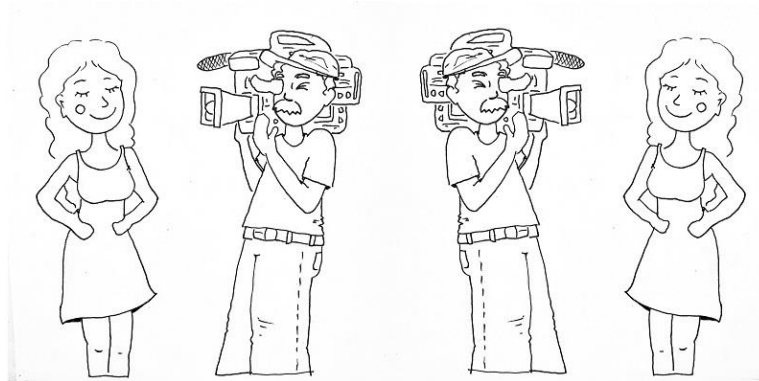


Figura 5 - Imagens utilizadas para ilustrar o verbo filmar (esq.) e sua cópia espelhada (dir.)

Os sujeitos realizaram a tarefa no computador, através do software de experimentação comportamental PsychoPy²⁷, que permitiu gravar as descrições e registrar os períodos de latência entre a exibição da imagem e o início da fala. Os itens experimentais foram randomizados para cada sujeito.

²⁷ Disponível em: <http://www.psychopy.org>. Acessado em 22/11/2015.

2.5.3. Procedimentos

Os sujeitos foram instruídos a descrever as imagens mostradas na tela do computador em voz alta, como se estivessem respondendo à pergunta “o que eles estão fazendo?”. Por limitações do software, não foi possível estabelecer um limite de tempo de exposição para cada imagem, embora os sujeitos tenham sido encorajados a iniciar a descrição assim que a imagem fosse exibida.

3. ANÁLISES E DISCUSSÃO

3.1. ANÁLISE DE CORPORA

3.1.1. *Dados do Santa Barbara Corpus of Spoken American English*

Foram encontradas 323 ocorrências de construções passivas no SBSCAE. Na tabela 2 estão listados os dez verbos mais frequentes dentre as ocorrências da construção passiva, o número total de ocorrências do lema no corpus e o valor da frequência relativa da construção passiva:

<i>Verbo</i>	<i>Frequência (passiva)</i>	<i>Frequência (lema)</i>	<i>Frequência relativa</i>
1. call	19	188	0,1011
2. build	12	50	0,2400
3. make	12	317	0,0379
4. give	7	184	0,0380
5. put	7	343	0,0204
6. enter	6	8	0,7500
7. seat	6	13	0,4615
8. retire	5	16	0,3125
9. bring	4	89	0,0449
10. use	4	180	0,0222

Tabela 2 - verbos do inglês mais frequentes nas ocorrências de construções passivas no SBSCAE

O verbo *use*, que ocupa o décimo lugar da tabela de frequências, foi escolhido dentre outros dois verbos também com 4 ocorrências no corpus: o *expose* e o *lead*. O verbo *expose* ocorreu 4 vezes na construção passiva e 3 na construção ativa no corpus, apresentando uma frequência relativa discrepante de 57% em relação aos outros verbos da lista. Sob a suspeita de que a configuração sintática verbo de ligação seguido da forma participial de *expose* componha uma única unidade representacional na língua inglesa, a busca feita no SBSCAE foi replicada no Corpus of Contemporary American English (COCA), corpus escrito com 450 milhões de palavras. Foi observado que o verbo *expose* ocorreu na construção passiva em pouco mais de 22% das ocorrências totais do lema. Para fins de comparação, as frequências relativas de todos os 12 verbos mais frequentes (os 9 mais frequentes e os 3 candidatos à décima posição) foi calculada no COCA, e estão listadas na tabela 3:

<i>Verbo</i>	<i>Freq relativa</i>	<i>Freq relativa</i>
	<i>SBCSAE</i>	<i>COCA</i>
1. call	0,1011	0,0809
2. build	0,2400	0,1146
3. make	0,0379	0,0569
4. give	0,0380	0,0621
5. put	0,0204	0,0551
6. enter	0,7500	0,022
7. seat	0,4615	0,0413
8. retire	0,3125	0,0609
9. bring	0,0449	0,0558
10. use	0,0222	0,1017
10a. expose	0,5714	0,2253
10b. lead	0,2000	0,0257

Tabela 3 -Frequências relativas dos verbos no SBCSAE e no COCA

A descrição ou até mesmo a discussão da natureza da alta ocorrência do verbo *expose* na construção passiva em comparação aos outros verbos da lista não entra no escopo deste estudo. A sua exclusão foi uma medida de cautela, de modo a evitar que haja influência de fatores desconhecidos nas análises aqui propostas.

O verbo *lead*, ainda que não apresente frequências relativas alarmantes, foi descartado por ter ocorrido no SBCSAE apenas em uma conversa sobre jogos de cartas. Neste caso, *lead* tem o sentido de mandar a primeira carta de um naipe, como ilustrado na sentença (53):

53. Can you play a club if spades were led [...]?

Posso jogar uma carta de paus se uma carta de espadas tiver sido jogada primeiro [...]?

O verbo *use* foi então o mais apropriado para ser incluído na lista de verbos deste estudo pelo fato de sua ocorrência nos dois corpora não sugerir algum efeito de co-ocorrência, como *expose*, e de não ser sensível ao domínio conversacional, como *lead*.

Uma última observação deve ser feita a respeito da lista final de verbos. O verbo *enter*, que ocupa a sexta posição na tabela de frequências, é o único cuja ocorrência na construção passiva foi maior do que na construção ativa no SBCSAE. A decisão por mantê-lo na lista, apesar de sua frequência relativa discrepante (mais do que dois desvios padrões

maior do que a média²⁸), foi baseada na comparação com a frequência relativa observada no COCA. Como indicado na tabela 3, a proporção de ocorrências na construção passiva em relação à ativa vai de 75% no corpus oral para aproximadamente 2% no corpus escrito. Essa diferença abranda as suspeitas de que haja alguma motivação desconhecida para a ocorrência do verbo de ligação com a forma participial do verbo, ao contrário do que foi percebido para o verbo *expose*.

Foram encontradas 19.693 construções não-passivas no SBCSAE, contra 323 construções passivas, como reportado acima. Ao todo, as passivas representam 1,6% das construções encontradas no corpus.

3.1.2. Dados do C-Oral-Brasil I

Foram encontradas 211 ocorrências da construção passiva no C-Oral-Brasil I, utilizando os mesmos critérios de busca descritos na seção 3.1.1. A tabela 4 mostra os dez verbos mais frequentes dentre as ocorrências da construção passiva, o número total de ocorrências do lema no corpus e o valor da frequência relativa da construção passiva:

<i>Verbo</i>	<i>Frequência (passiva)</i>	<i>Frequência (lema)</i>	<i>Frequência relativa</i>
1. fazer	25	1547	0,01616
2. usar	7	167	0,04192
3. prender	7	17	0,41176
4. construir	5	23	0,21739
5. gerar	5	7	0,71429
6. promover	5	5	1,0
7. considerar	4	10	0,4
8. produzir	4	17	0,23529
9. colocar	3	229	0,01310
10. gravar	3	55	0,05455

Tabela 4 - Verbos do PB mais frequentes nas ocorrências de construções passivas no C-Oral-Brasil I

Foram encontrados 8 verbos com 3 ocorrências na construção passiva: *aprovar*, *assaltar*, *colocar*, *destacar*, *dividir*, *gravar*, *jogar* e *obrigar*. Os critérios que levaram à escolha dos itens *colocar* e *gravar* foram a frequência total do lema no corpus e a relação entre o número de passivas e não-passivas. Na tabela 5, podemos observar que os verbos *colocar*

²⁸ Desvio padrão: 0,2439; média: 0,2029.

e *gravar* possuem os maiores números de frequência total e os menores números de frequência relativa. Esta configuração está em conformidade com os objetivos do estudo, que procura observar a produção de construções passivas como alternativa à construção ativa, e não como expressão fixa.

<i>Verbo</i>	<i>Frequência (passiva)</i>	<i>Frequência (lema)</i>	<i>Frequência relativa</i>
aprovar	3	4	0,75
assaltar	3	3	1
colocar	3	229	0,0131
destavar	3	7	0,4286
dividir	3	27	0,1111
gravar	3	55	0,0545
obrigar	3	5	0,6

Tabela 5 - verbos com 3 ocorrências na construção passiva no C-Oral-Brasil I

Estes critérios de seleção foram utilizados apenas para os verbos que apresentaram o mesmo número de ocorrências, e não para a lista como um todo. Seria certamente mais conveniente que dentre os dez verbos mais frequentes nas ocorrências de construções passivas no corpus não figurassem itens como o verbo *promover*, que ocorreu exclusivamente na construção passiva, ou ainda os verbos *prender* e *gerar*, que fogem da tendência geral de ocorrer muito menos frequentemente na construção passiva do que na construção ativa. A eliminação arbitrária destes verbos tão frequentes seria uma irresponsabilidade metodológica e colocaria uma barreira indesejável entre o estudo e a realidade da língua como mostrada no corpus.

Foram encontradas 25.977 construções não-passivas encontradas no C-Oral-Brasil I, contra 211 ocorrências da construção passiva, como reportado acima. Ao todo, as passivas representam 0,8% das construções encontradas no corpus.

3.1.3. *Análise*

A tabela 6 traz um resumo das ocorrências da construção passiva nos dois corpora:

<i>Língua</i>	<i>Passiva</i>	<i>Não-Passiva</i>	<i>Total de construções</i>
PB	211	25977	26188
inglês	323	19693	20016
Total	534	45670	46204

Tabela 6 – Ocorrências de construções passivas e não passivas nos corpora de língua falada

O número de ocorrências da construção passiva no corpus do inglês é relativamente duas vezes maior do que no corpus do PB. Estes números estão em concordância com os resultados obtidos por Duarte (1990), cuja análise de corpora de língua escrita do PB e do inglês mostram que, para cada construção passiva no inglês, havia 7 construções ativas, enquanto a relação no PB foi de uma construção passiva para cada 20 construções ativas. A autora mostrou ainda que, em números absolutos, a passiva ocorreu nos textos do inglês “mais do que o dobro de vezes do que nos textos do português” (p. 153). Uma comparação final do número de ocorrências da construção passiva no PB e no inglês revelou uma diferença significativa da frequência da construção nas duas línguas ($\chi^2 = 64,834$, GL = 1, $p < .000$).

3.1.4. Discussão

A análise dos corpora de fala do PB e do inglês confirmou as suspeitas de que a construção passiva é significativamente menos produtiva no PB do que no inglês. A discrepância na frequência da construção é informativa principalmente por se tratar de produção oral, que reflete mais fielmente o estado da língua do que a produção escrita. A fala representa uma interação face-a-face, tem planejamento simultâneo (ou quase simultâneo), não tem possibilidade de apagamento ou consulta, e apresenta ampla possibilidade de reformulação a partir do retorno imediato do ouvinte (MAC-KAY, 2000). Ainda, fatores extralinguísticos como classe social e escolaridade segmentam a fala em dimensão menor do que a escrita – os desvios em relação à norma padrão ou o uso de variantes inovadoras ocorrem em todas as classes, não obstante as diferenças na frequência (TARALLO, 1986). Assume-se, então, que o falante utilize as construções mais prontamente disponíveis para a expressão de uma mensagem²⁹ e, no caso do PB, a passiva não parece ser uma delas.

Este estudo não tem por objetivo explicitar a motivação para a aparente rejeição da construção passiva no PB, embora este seja um ponto de interesse para análises futuras. Cyrino (2007) argumenta que o surgimento das construções com promoção do objeto não

²⁹ Mensagem como definida por Levelt et al. (1999) na página 18 deste estudo.

elimina a necessidade da construção passiva no PB pelo fato de serem restritas à classe dos verbos quasi-instrumentais ocorrendo em sentenças atélicas com SN [-animado], restrição que não se aplica à construção passiva:

54. *O livro está comprando.

55. O livro está sendo comprado.

A diferença essencial entre as duas opções é a de que (54) é inerentemente não-agentiva, enquanto (55) permite a projeção de um agente. Sob o ponto de vista desta autora, as construções com partícula *se*, com promoção do objeto e as passivas servem a propósitos relacionados, mas distintos: a primeira indetermina o sujeito; a segunda, como indica o próprio nome, promove o objeto a tópico, enquanto a terceira suprime o agente da proposição. Esses três efeitos semântico-pragmáticos são obtidos no inglês através da construção passiva – com exceção apenas da indeterminação do sujeito, que pode ser indicada também pelo uso do pronome pessoal *they*. Embora a própria existência de alternativas à construção passiva presentes no PB tenha sido a motivação para a suspeita da diferença distribucional da construção entre esta língua e o inglês, a averiguação desta diferença por si não é suficiente para que seja estabelecida uma relação causal. Faz-se necessária uma análise qualitativa dos corpora.

A confirmação da diferença distribucional da construção entre o PB e o inglês é suficiente para os objetivos deste estudo, pois estabelece um ponto de partida para a análise da transferência reversa. É a discrepância significativa na produção da passiva pelos falantes das duas línguas que embasa a suposição de que o comportamento do falante bilíngue em relação à construção apresentaria diferenças em relação ao comportamento do monolíngue.

3.2. JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

Um problema de programação fez com que os dados de uma das sentenças-alvo não fossem computados. Dessa forma, foram analisados 15 itens alvo e 32 itens controle.

3.2.1. Notas do julgamento

As médias dos pontos da escala Likert atribuídos a cada um dos três tipos de sentenças pelos sujeitos dos dois perfis linguísticos foram submetidos ao teste de Kolmogorov-Smirnov para averiguação de sua adequação à distribuição normal. Os resultados do teste atestaram a não-normalidade das distribuições. A tabela 7 apresenta as médias e os desvios-padrão dos julgamentos dos dois perfis de participantes:

<i>Construção</i>	<i>Bilíngues</i>	<i>Monolíngues</i>
ativas	4,84 (0,487)	4,81 (0,61)
passivas	4,72 (0,761)	4,66 (0,791)
descritivas	3,13 (1,272)	3,45 (1,29)

Tabela 7 - Médias e DPs dos julgamentos dos bilíngues e dos monolíngues

Bilíngues e monolíngues não apresentaram diferenças significativas no julgamento das construções ativas ($U = 18143$, $GL = 382$, $p = 0,634$) ou passivas ($U = 17239$, $GL = 382$, $p = .139$). Os bilíngues consideraram as descritivas com indicação de agente mais agramaticais do que os monolíngues ($U = 15860$, $GL = 382$, $p = .015$), embora o efeito seja pequeno ($r = 0,1$). A animacidade do sujeito não exerceu influência no julgamento das construções passivas pelos bilíngues ($U = 3779$, $GL = 178$, $p = .243$) ou pelos monolíngues ($U = 3994,5$, $GL = 382$, $p = .881$).

Os julgamentos dos bilíngues foram submetidos ao teste não-paramétrico Kruskal-Wallis, que atestou uma diferença significativa nos julgamentos dos três tipos de sentenças ($\chi^2 = 262,356$, $GL = 2$, $p < 0,001$). Foi utilizado o teste não-paramétrico Mann-Whitney-U para análise dos julgamentos nos pares de construções. As sentenças descritivas receberam julgamentos significativamente menores do que as ativas ($U = 4723,5$, $GL = 382$, $p < .001$) e do que as passivas ($U = 5858$, $GL = 382$, $p < .001$). As sentenças passivas foram consideradas menos gramaticais do que as sentenças ativas ($U = 16759$, $GL = 382$, $p = .015$).

Os julgamentos dos monolíngues foram submetidos aos mesmos testes utilizados na análise dos julgamentos dos bilíngues, e, de maneira similar, foram encontrados efeitos das construções sobre os julgamentos. Houve diferença significativa nas notas atribuídas aos três tipos de sentenças ($\chi^2 = 173,256$, $GL = 2$, $p < .001$); as descritivas foram consideradas mais agramaticais do que as ativas ($U = 7246,5$, $GL = 382$, $p < .001$) e do que as passivas ($U = 8639,5$, $GL = 382$, $p < .001$). Assim como os bilíngues, os monolíngues julgaram as sentenças

na construção passiva como mais agramaticais do que as sentenças na ativa ($U = 15946,5$, $GL = 382$, $p = .001$).

Embora os julgamentos das ativas tenham sido significativamente maiores do que os julgamentos das passivas pelos sujeitos dos dois perfis linguísticos, o efeito da construção no julgamento é considerado pequeno: $r = 0,12$ no grupo dos bilíngues e $r = 0,17$ no grupo dos monolíngues. Vale notar que os efeitos observados quando as notas emitidas para as sentenças descritivas agramaticais são contrastadas com aquelas emitidas para ativas e passivas são considerados altos: $r = 0,7$ em relação às ativas e $r = 0,63$ em relação às passivas no grupo dos bilíngues, e $r = 0,59$ e $r = 0,5$ no grupo dos monolíngues. Essas medidas de efeito permitem que a diferença de julgamentos entre as ativas e as passivas, ainda que estatisticamente significativa, não seja considerada.

3.2.2. Tempos de reação (RTs)

Foi aplicado o teste não-paramétrico Mann-Whitney-U sobre os julgamentos dos dois grupos de sujeito, e foram encontrados efeitos do perfil linguístico sobre os RTs em cada tipo de construção: bilíngues apresentaram RTs menores do que os monolíngues no julgamento de sentenças ativas ($U = 14126$, $GL = 382$, $p < .001$), passivas ($U = 11689$, $GL = 382$, $p < .001$) e descritivas ($U = 11681$, $GL = 382$, $p < .001$). A animacidade do sujeito não exerceu influência RTs das construções passivas no grupo dos bilíngues ($U = 3767$, $GL = 178$, $p = .447$) ou dos monolíngues ($U = 3828$, $GL = 382$, $p = .559$).

Através do teste não-paramétrico Kruskal-Wallis foram encontradas diferenças entre os RTs dos três tipos de sentenças no grupo dos bilíngues ($\chi^2 = 66,359$, $GL = 2$, $p < .001$) e dos monolíngues ($\chi^2 = 85,563$, $GL = 2$, $p < .001$). Bilíngues e monolíngues apresentaram RTs maiores nos julgamentos de sentenças descritivas em relação às ativas ($U = 9843$, $GL = 382$, $p < .001$; $U = 8787$, $GL = 382$, $p < .001$) e às passivas ($U = 13679$, $GL = 382$, $p < .001$; $U = 13839$, $GL = 382$, $p < .001$). Os dois grupos de sujeitos também apresentaram RTs maiores no julgamento das passivas em relação às ativas ($U = 13789$, $GL = 382$, $p < .001$; $U = 12411$, $GL = 382$, $p < .001$).

3.2.3. Discussão

O estabelecimento do limite de tempo no julgamento de aceitabilidade permite que tenhamos como dados “respostas convergentes com a materialidade mais estritamente linguística dos estímulos; (...) mais adequadamente filtradas de impressões oriundas de conhecimentos não relevantes” (SOUZA et al., 2015; 214). Dessa forma, a constatação de que a avaliação da construção passiva pelos bilíngues e monolíngues não é significativamente diferente permite concluir que o bilinguismo não exerce facilitação em sua compreensão. A média de aceitação da passiva próxima à nota máxima (4,72 no grupo dos bilíngues e 4,66 no grupo dos monolíngues) sugere que a construção não é estranha aos falantes do PB.

Apesar da média alta de julgamentos, a passiva foi julgada mais agramatical do que a ativa e mais gramatical do que a descritiva pelos dois grupos, o que favorece uma leitura de estado intermediário de aceitabilidade da construção no PB. No entanto, essa conclusão se mostra equivocada após a análise de tamanho de efeito da construção sobre os julgamentos. Em termos absolutos, ambas construções apresentaram médias de julgamento dentro do nível 4 (referente a uma sentença boa, mas não perfeita). Uma das explicações possíveis para a diferença encontrada nesses julgamentos é o efeito de frequência: a análise de corpora mostrou que a passiva ocorreu em menos de 1% do total de construções no PB e em menos de 2% do total de construções no inglês. Havendo ou não influência da maior frequência relativa da passiva na L2 no julgamento dos bilíngues, o número de ocorrências ainda é pequeno o suficiente para alterar, ainda que levemente, os níveis de aceitação da construção pelos falantes do PB.

A construção descritiva agramatical, por outro lado, apresentou médias de julgamento dentro do nível 3 (referente a uma construção que não é boa, mas é aceitável). Este julgamento intermediário de uma construção intencionalmente agramatical³⁰ pode ser explicada pela natureza deverbal dos adjetivos utilizados. De fato, Levin (1993) lista construções de orações truncadas com verbo no particípio como “passivas adjetivais” ou “passivas adjetivais perfeitas” (com ocorrência de adjetivos derivados de verbos transitivos e inacusativos, respectivamente). Embora as sentenças (56)-(58) abaixo tragam exemplos

³⁰ Pela indicação do agente preposicionado em uma sentença com verbo auxiliar *estar*.

de adjetivos deverbiais, elas não são consideradas construções passivas. Os adjetivos são modificadores do SN sujeito, e o verbo está na construção ativa:

56. The unsold cars remained in the lot.

Os carros não vendidos permaneceram no estacionamento.

57. *The unsold customers went home early.

Os clientes não vendidos foram para casa cedo.

58. The fallen leaves clogged the gutter.

As folhas caídas entupiram a calha.

Observe que sentença (56) poderia ser expressa com uma oração subordinada adjetiva trazendo a morfologia completa da construção passiva, enquanto a extensão da oração truncada em (58) resulta em uma oração subordinada adjetiva ativa cujo sujeito não é o agente (*leaves* é o agente do verbo *clogged*, não do verbo inacusativo *fell*):

59. The cars that were unsold remained in the lot.

Os carros que não foram vendidos permaneceram no estacionamento.

60. The leaves that fell clogged the gutter.

As folhas que caíram entupiram a calha.

Para o PB, a GT divide o particípio entre o verbal e o nominal. O particípio verbal pode ser acompanhado pelos verbos auxiliares *ser* ou *estar*, resultando em uma construção passiva de ação e uma construção passiva de estado, respectivamente (CUNHA e CINTRA, 2007). As passivas de estado são equivalentes às sentenças que denominamos descritivas neste estudo. Já o particípio nominal é tratado como adjetivo, com indicação de estado, mas não de relação temporal.

As notas intermediárias atribuídas à construção descritiva podem representar a dificuldade do falante em categorizar as sentenças descritivas como indicação de eventos ou estados, conflito gerado pela ocorrência do verbo auxiliar estativo com a indicação do agente. Seu julgamento, portanto, não pode ser tomado como a não aceitação de uma passiva malformada, mas sim como uma indeterminação da construção entre duas opções igualmente gramaticais – a construção descritiva, com a forma participial em função de complemento nominal, ou a construção passiva, com a forma participial em função verbal. O

que de fato causou maior estranheza aos falantes só poderá ser avaliado em estudos *online*, como o rastreamento ocular ou ERP.

As médias dos tempos de reação (RTs) dos julgamentos estão dentro da expectativa nos dois grupos experimentais: a forma ativa não marcada apresentou RTs menores do que a forma passiva marcada, que por sua vez apresentou RTs menores do que a forma agramatical. Para todas as construções, o grupo dos bilíngues apresentou RTs significativamente menores do que o grupo dos monolíngues. Essa diferença, porém, não pode ser atribuída a efeitos de facilitação da L2 para as sentenças ativas e descritivas, que compartilham as características de gramaticalidade e agramaticalidade na L1 e na L2. A motivação mais provável é a de que a facilitação não tenha ocorrido em relação às construções individuais, e sim em relação ao bilinguismo em si. Bilíngues desenvolvem maior consciência metalinguística por identificarem a língua como um sistema dentre muitos (VYGOTSKI, 1962)³¹, além de apresentarem melhor desempenho em tarefas cognitivas (CUMMINS, 1968; BYALISTOK et al., 2004). O presente estudo não nos permite ir além da especulação; são necessários estudos mais aprofundados sobre vantagens cognitivas do bilinguismo tardio em situação de não-dominância para seguramente afirmar que os tempos de reação menores em julgamentos de aceitabilidade são consequência direta da existência de duas línguas na mente do falante.

3.3. TAREFA DE ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS I: PRODUÇÃO ESCRITA

3.3.1. *Validação dos itens experimentais*

Dentre os 30 itens experimentais utilizados na tarefa, apenas 20 foram incluídos na análise. 6 das 10 imagens excluídas apresentaram divergência na escolha do verbo em mais de 50% das descrições, indicando que o evento não estava claramente ilustrado. As outras 4 apresentaram, também em mais de 50% das descrições, verbos cuja estrutura argumental não permite a reversibilidade entre a ativa e a passiva (ainda que descrevessem corretamente o evento): verbos intransitivos, recíprocos, reflexivos ou apresentando argumento interno posicionado. A opção por excluir essas descrições da análise final é baseada nos corolários A e B do princípio de não-sinonímia citado por Goldberg (1995):

³¹ Apud Mac-Kay (2000).

“Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e S(emanticamente)-sinônimas, elas não podem ser P(ragmaticamente)-sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e P-sinônimas, elas não podem ser S-sinônimas” (p. 67).

Segundo este princípio, a diferença na estrutura argumental dos verbos utilizados para descrever o mesmo evento (S-sinônimas) tem implicações pragmáticas. Assim, não é possível assumir que as sentenças ativas (61)-(63), utilizadas na descrição do evento *beijar* (figura 6), possam ser tomadas como equivalentes.



Figura 6 - Imagem utilizada para ilustrar o verbo *beijar*

61. Um gato está beijando uma gata.

62. O gatinho está dando um beijo na gatinha.

63. Dois gatinhos estão se beijando.

Não obstante, foi aceito um certo nível de variabilidade na escolha lexical nos casos em que os verbos expressam o mesmo evento e ocorrem na mesma estrutura argumental. No caso da imagem ilustrando o verbo *demitir* (figura 7), por exemplo, foram aceitas descrições com os verbos *despedir*, *desligar* e a expressão *mandar embora*.



Figura 7 - Imagem utilizada para ilustrar o verbo *demitir*

Faz-se necessário explicitar a aceitação da expressão *mandar embora* e não da expressão *dar um beijo*. *Mandar embora* aceita passivização, e parece ser uma expressão fixa devido à implausibilidade da substituição do termo *embora*. A sentença (64) ilustra

uma descrição produzida por um dos sujeitos utilizando a expressão na construção passiva, enquanto (65) traz o verbo *mandar* como verbo causativo principal com complemento verbal, também na passiva:

64. O homem foi mandado embora.

65. ? O homem foi mandado sair.

Nota-se que em *dar um beijo* é possível substituir *um beijo* por um número de outros SNs. De fato, a sentença (66) foi utilizada por um dos sujeitos para descrever a imagem ilustrando o verbo *abraçar* (figura 8):

66. A Margarida está dando um abraço no Pato Donald.

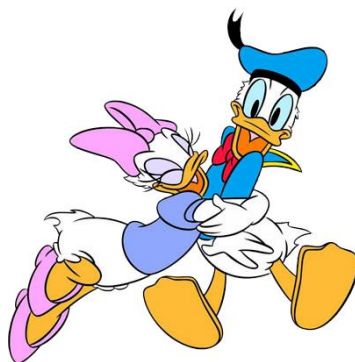


Figura 8 - imagem utilizada para ilustrar o verbo abraçar

Entraram na análise então as descrições de imagens referentes aos verbos *abraçar*, *ajudar*, *alimentar*, *amamentar*, *assaltar*, *batizar*, *beijar*, *carregar*, *chutar*, *demitir*, *estrangular*, *filmar*, *lamber*, *levantar*, *maquiar*, *medir*, *morder*, *pegar*, *pesar* e *prender*.

3.3.2. *Categorização das descrições*

As descrições dos 20 itens experimentais foram então categorizadas como ativas, passivas ou “outras”. Uma estrutura foi considerada ativa se apresentasse verbo transitivo, agente e paciente, como (67). Para ser considerada passiva, a estrutura deveria apresentar o paciente e a locução verbal na morfologia da passiva analítica (i.e., verbo *ser* seguido de forma participial do verbo principal), com ou sem o agente explícito, como (68). Orações reduzidas de gerúndio como (69) e (70) também foram classificadas como ativas e passivas, respectivamente:

67. O patrão está despedindo o empregado.

68. Um homem está sendo demitido.

69. Chefe demitindo o empregado.

70. Homem sendo demitido de seu emprego.

No grupo das ativas se encontram ainda descrições em que o complemento verbal é [-animado], sob a condição de que o conceito expresso pelo SN fosse uma representação metonímica da entidade [+animada] afetada. A descrição do verbo *morder* (figura 9) em (71) pode ser alternada para a construção passiva (72) sem alteração de sentido:



Figura 9 - Imagem utilizada para ilustrar o verbo *morder*

71. A menina mordeu o braço do menino.

72. O braço do menino foi mordido.

Descrições que não se encaixaram nos grupos das ativas ou das passivas foram listadas como “outros” – grupo que inclui verbos no gerúndio, substantivos ou SNs isolados, além das estruturas listadas na seção 3.3.1.

Foram aplicados testes estatísticos através do software SPSS para averiguar a influência da posição do agente (esquerda ou direita) e do perfil linguístico (bilíngue ou monolíngue) sobre a escolha da construção (ativa ou passiva) na descrição das imagens.

3.3.3. Resultados

Os falantes bilíngues produziram um total de 397 descrições, das quais 246 (61,96%) ocorreram na construção ativa e 53 (13,35%) na construção passiva. O grupo dos monolíngues produziu 391 descrições, das quais 170 (43,45%) ocorreram na construção ativa e 52 (13,55%) na construção passiva.

3.3.3.1. Posição do agente vs. construção

A localização do agente na imagem foi analisada como variável independente, e a construção como variável dependente para cada um dos perfis linguísticos. Não foi

observado efeito da localização do agente na escolha da estrutura no grupo dos bilíngues ($\chi^2 = .559$, GL = 1, $p = .455$) ou dos monolíngues ($\chi^2 = .006$, GL = 1, $p = .941$). O gráfico 1 mostra a frequência de ativas, passivas e demais construções em relação à posição do agente:

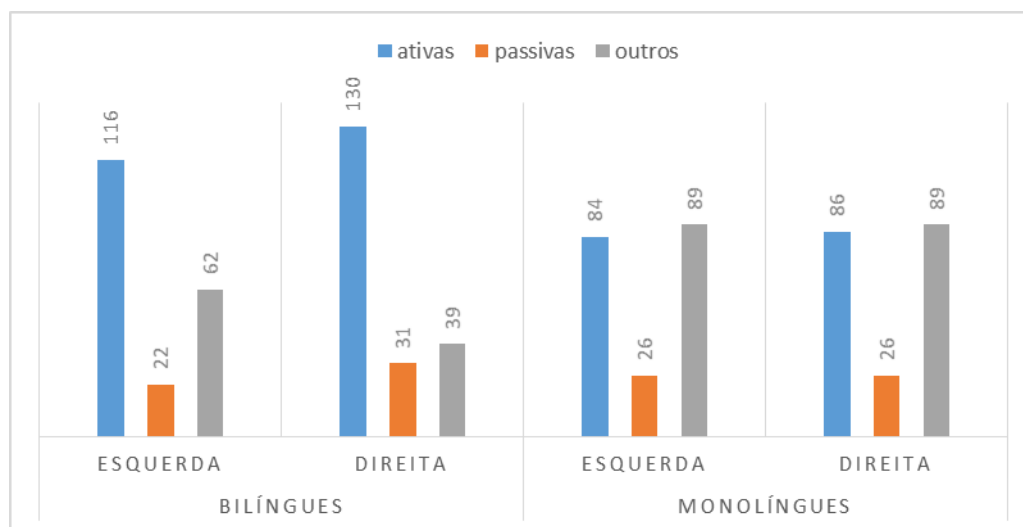


Gráfico 1 - Frequência das construções em relação à posição do agente (tarefa escrita)

As 188 estruturas classificadas como “outros” dentre as descrições dos monolíngues representaram 48,08% do total. Diante deste número expressivo, subdividimos a categoria “outros” tomando como base os mesmos parâmetros utilizados para selecionar os itens experimentais (conforme seção 3.3.1). Foi encontrado um número idêntico de descrições semanticamente incongruentes com o evento ilustrado pela imagem e de descrições cuja estrutura argumental não permite a alternância entre ativa e passiva. Em uma análise individual dos itens, observamos que as imagens ilustrando os verbos *demitir*, *lamber* e *levantar* não foram descritas uniformemente pelos monolíngues: dentre as 60 descrições, 34 não expressaram os eventos pretendidos.

Foi feita então uma reanálise da produção do grupo dos monolíngues após a eliminação destes três itens experimentais. A categoria “outros” passou a representar 42,9% do total de 331 descrições. Não obstante, não houve mudança significativa na relação entre a posição do agente e a escolha da construção ($\chi^2 = .117$, GL = 1, $p = .732$). O gráfico 2 mostra a nova frequência de ativas e passivas em relação à posição do agente:

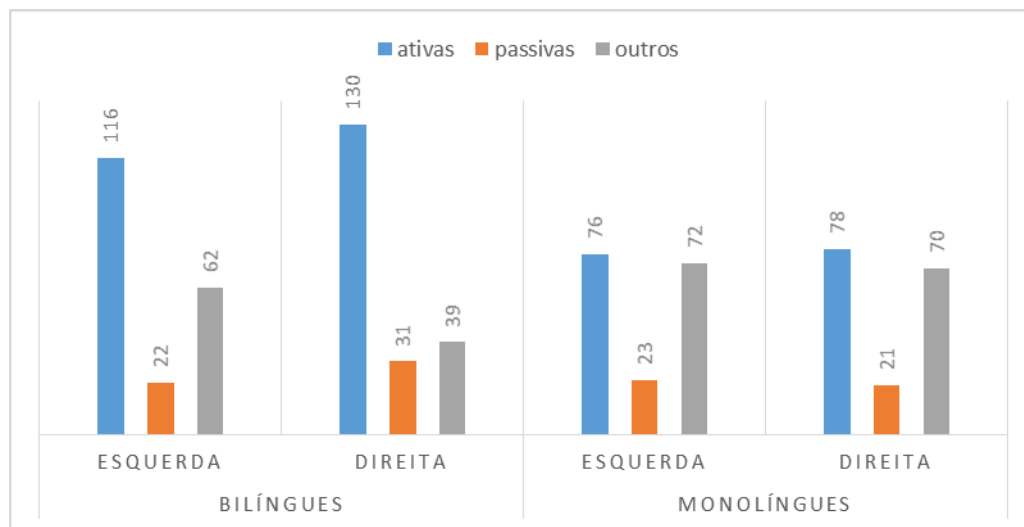


Gráfico 2 - Frequência das construções em relação à posição do agente (reanálise; tarefa escrita)

3.3.3.2. Bilíngues vs. monolíngues

Em uma análise comparativa dos dois perfis linguísticos, não foi observada diferença significativa na frequência da construção passiva entre os bilíngues e os monolíngues ($\chi^2 = 2,57$, GL = 1, $p = .109$). O gráfico 3 mostra a frequência de ativas e passivas em relação ao perfil linguístico:

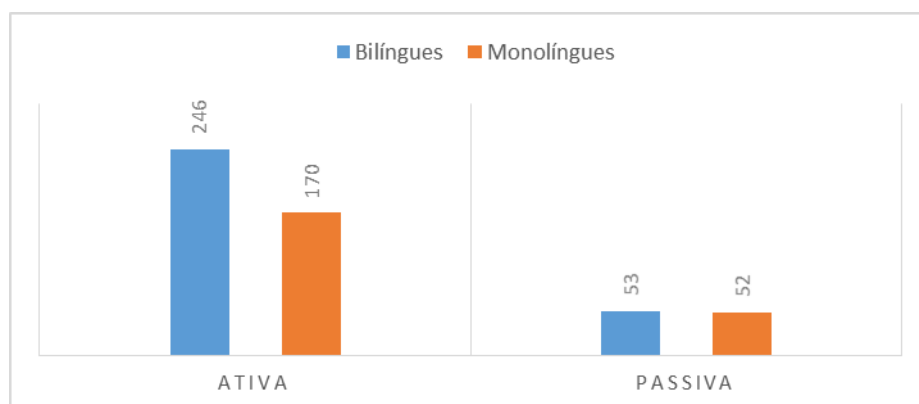


Gráfico 3 - Frequência de construções por perfil linguístico (tarefa escrita)

3.4. TAREFA DE ELICIAÇÃO DE SENTENÇAS II: PRODUÇÃO ORAL

3.4.1. Validação dos itens experimentais

Os critérios para a seleção dos itens experimentais nesta tarefa foram os mesmos utilizados na tarefa de produção escrita: para 50% ou mais das respostas, deveria haver congruência semântica entre as descrições e o evento, e congruência sintática das

descrições com um evento transitivo passível de ocorrer na construção passiva. Dentre os 24 itens experimentais iniciais, foram analisados 16, relativos aos verbos *abandar, ajudar, assaltar beijar, beliscar, carregar, chutar, espiar, filmar, laçar, lamber, morder, pintar, prender, sequestrar e vestir*.

3.4.2. Categorização das descrições

As descrições desta tarefa foram classificadas como ativas, passivas ou “outros” também seguindo os parâmetros da tarefa de produção escrita, com a adição de descrições ininteligíveis, cortadas ou armazenadas em arquivos corrompidos ao grupo “outros”. Foram aplicados testes estatísticos através do software SPSS para averiguar a influência da posição do agente (esquerda ou direita) e do perfil linguístico (bilíngue ou monolíngue) sobre a escolha da construção (ativa ou passiva) na descrição das imagens.

3.4.3. Resultados: frequência das construções

Os falantes bilíngues produziram um total de 184 descrições, das quais 155 (84,24%) ocorreram na construção ativa e 21 (11,41%) na construção passiva. O grupo dos monolíngues produziu 161 descrições, das quais 133 (82,6%) ocorreram na construção ativa e apenas 6 (3,75%) na construção passiva.

3.4.3.1. Posição do agente vs. construção

A localização do agente na imagem foi analisada como variável independente, e a construção como variável dependente para cada um dos perfis linguísticos. Não foi observado efeito da localização do agente na escolha da estrutura no grupo dos bilíngues ($\chi^2 = .412$, GL = 1, $p = .521$) ou dos monolíngues ($\chi^2 = .454$, GL = 1, $p = .500$). O gráfico 4 mostra a frequência de ativas, passivas e demais construções em relação à posição do agente:

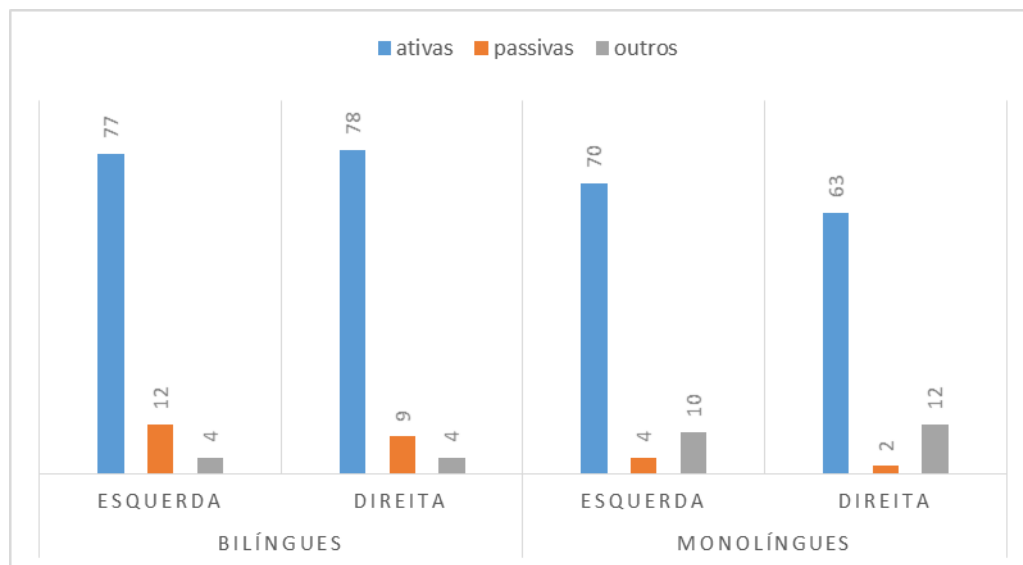


Gráfico 4 - Frequência das construções em relação à posição do agente (tarefa oral)

3.4.3.2. Bilíngues vs. monolíngues

Em uma análise comparativa dos dois perfis linguísticos, foi observado que os bilíngues produziram um número significativamente maior de construções passivas do que os monolíngues ($\chi^2 = 5,747$, GL = 1, $p = .017$). O gráfico 5 mostra a frequência de ativas e passivas em relação ao perfil linguístico:

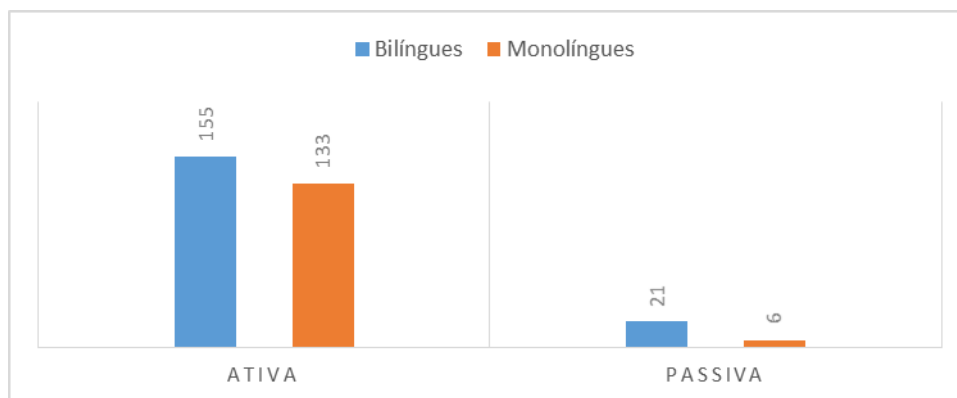


Gráfico 5 - Frequência de construções por perfil linguístico (tarefa oral)

3.4.4. Resultados: períodos de latência

As médias dos períodos de latência (PLs) para a descrições dos 24 sujeitos, para cada construção em cada configuração do agente, foram submetidas ao teste de Kolmogorov-Smirnov para verificação de sua adequação à distribuição normal. Os resultados do teste

indicaram a não normalidade das médias de PL. Essas médias, assim como os desvios-padrão observados, encontram-se expostas na tabela 8:

<i>Construção - Posição do agente</i>	<i>Bilíngues</i>	<i>Monolíngues</i>
ativas - agente na esquerda	1760,48 (600,176)	2188,67 (786,645)
ativas - agente na direita	1865,23 (584,297)	2254,97 (896,628)
passivas - agente na esquerda	1522,83 (366,186)	2017 (248,943)
passivas - agente na direita	1834,56 (566,191)	2777 (793,374)

Tabela 8 - Médias e DPs dos períodos de latência

3.4.4.1. Posição do agente vs. construção

As médias dos PLs da construção ativa foram comparadas em relação à posição do agente através do teste não-paramétrico Mann-Whitney. Não foram observados efeitos da posição do agente nos PLs das construções ativas no grupo bilíngues ($U = 2705$, $GL = 153$, $p = .286$) ou dos monolíngues ($U = 2096,5$, $GL = 131$, $p = .625$).

As médias dos PLs da construção passiva, por outro lado, foram menores quando o agente estava localizado na esquerda ($U=21$, $GL = 19$, $p = .018$) no grupo dos bilíngues. O grupo dos monolíngues não apresentou diferenças nos PLs em relação à posição do agente ($U = 1$, $GL = 4$, $p = .267$).

3.4.4.2. Perfil linguístico vs. construção

As médias dos PLs dos bilíngues foram comparadas em relação à estrutura também através do teste não-paramétrico Mann-Whitney-U. A diferença entre os PLs das ativas e das passivas foi marginalmente significativa, tendo as passivas os menores PLs ($U = 1203$, $GL = 171$, $p = .068$). O grupo dos monolíngues não apresentou diferenças significativas nos PLs entre as duas construções ($U=353$, $GL = 137$, $p = .644$).

Ao serem comparadas entre bilíngues e monolíngues, as médias dos PLs das construções ativas foi significativamente menor no grupo dos bilíngues em relação ao grupo dos monolíngues ($U=7250,5$, $GL = 286$, $p < .001$). Os PLs dos bilíngues também foram significativamente menores do que os dos monolíngues nas construções passivas ($U=14$, $GL = 25$, $p = .003$).

3.4.5. *Comparação entre as duas tarefas*

A última análise dos experimentos de produção de sentenças foi a comparação entre a ocorrência de construções passivas nas tarefas escrita e oral. Não houve diferença na produção da construção nas duas tarefas no grupo dos bilíngues ($\chi^2 = 1,961$, GL = 1, $p = .161$), mas sim no grupo dos monolíngues ($\chi^2 = 23,141$, GL = 1, $p < .001$). Finalmente, a tarefa oral apresentou significativamente menos descrições na construção passiva do que a tarefa escrita entre os dois perfis linguísticos ($\chi^2 = 19,805$, GL = 1, $p < .001$).

3.4.6. *Discussão*

A relação entre o número de ativas e passivas observada nestas tarefas está em conformidade com o que está descrito na literatura – a construção passiva é amplamente desfavorecida em relação à construção ativa, e sua ocorrência requer uma motivação adicional (GLEITMAN et al., 2007; GOLDBERG, 1995; THOMPSON, 1996). Os resultados das tarefas de produção indicam que a localização do agente não é uma dessas motivações, conseqüentemente sem apresentar efeitos nos períodos de latência das construções na tarefa oral. A ocorrência de passivas, ainda que em número pouco expressivo, sugere que os verbos ocorrendo nessas construções estejam armazenados em *chunks*. *Chunking* é um processo representacional em que traços de nível baixo que co-ocorrem podem ser associados e conseqüentemente referidos como uma entidade única (ELLIS, 2003; 76).

A suspeita de que a construção passiva destes verbos pode ter sido armazenada como *chunks* ganha força quando observamos os verbos *batizar* e *demitir*, que ocorreram na construção passiva em 80% e 70% das descrições da tarefa de produção escrita, respectivamente (tabela 9):

<i>Verbo</i>	<i>Freq. na Passiva</i>	<i>Verbo</i>	<i>Freq. na Passiva</i>
abraçar	0,11	filmar	0,16
ajudar	0,11	lamber	0,00
alimentar	0,16	levantar	0,13
amamentar	0,04	maquiar	0,24
assaltar	0,41	medir	0,00
batizar	0,80	morder	0,00
beijar	0,00	pegar	0,00
chutar	0,30	pesar	0,13
demitir	0,70	prender	0,35
estrangular	0,10	sequestrar	0,26

Tabela 9 - Frequência da ocorrência dos verbos na construção passiva (tarefa escrita)

A ocorrência substancialmente mais alta da passiva nestes verbos³² em uma tarefa na qual a única manipulação se mostrou ineficaz corrobora as suspeitas de que houve ativação do *chunk*, e não apenas do verbo. A frequência da passiva na tarefa escrita deve ainda ser analisada levando em conta suas peculiaridades. Em primeiro lugar, a escrita tende a favorecer a forma padrão da língua (como mencionado na discussão dos resultados da análise de corpora). É possível retratar eventuais desvios da norma culta, que com frequência são equivocadamente tomados como “erros”. A revisão das sentenças deu aos sujeitos a oportunidade de reestruturá-las, de maneira que a descrição oferecida pode não ser correspondente à primeira construção ativada na mente do falante pelo evento demonstrado na imagem. Em segundo lugar, a tarefa não exigiu grandes esforços do sistema de processamento e da memória de trabalho dos sujeitos, pois o limite de tempo foi mais alto do que o necessário para sua realização: foram dados 40 minutos, e os sujeitos levaram uma média de 14. Além disso, o tempo foi estabelecido para a tarefa como um todo, e não para cada item experimental.

Observemos agora a frequência de passivas na tarefa de produção oral: 11,41% das descrições dos bilíngues e 3,75% das descrições dos monolíngues estavam na construção passiva. A tabela 10 traz a frequência relativa da construção nos verbos analisados, separados pelo perfil linguístico:

³² Mais do que dois desvios-padrão acima da média (M = 0,2, DP = 0,224).

<i>Verbo</i>	<i>Bilíngues</i>	<i>Monolíngues</i>
abandar	0,17	0,09
ajudar	0,00	0,04
assaltar	0,18	0,2105
beijar	0,09	0,05
beliscar	0,10	0,05
carregar	0,09	0,06
chutar	0,08	0,10
espiar	0,10	0,06
filmar	0,33	0,19
laçar	0,09	0,05
lamber	0,00	0,00
morder	0,00	0,00
pintar	0,09	0,06
prender	0,17	0,18
sequestrar	0,25	0,15
vestir	0,10	0,05

Tabela 10 - Frequência da ocorrência dos verbos na construção passiva (tarefa oral)

Apenas o verbo *filmar* ocorreu na passiva com frequência maior do que a tendência nas descrições dos bilíngues ($M = 0,12$, $DP = 0,089$), assim como o verbo *assaltar* nas descrições dos monolíngues ($M = 0,08$, $DP = 0,065$). A diminuição sensível do desvio padrão desta amostra em relação àquele observado na tarefa escrita é reflexo da impossibilidade de reanálise imposta pelo paradigma da tarefa oral – nas poucas ocorrências de hesitações e reformulações, apenas a primeira estrutura argumental foi considerada. Observa-se, então, a tendência esperada da preferência geral pela construção passiva.

Os períodos de latência (PLs) foram considerados proporcionais à dificuldade na produção das sentenças com base em Griffin e Bock (2000)³³, que apontam que há um processo de compreensão holístico anterior à produção. Logo, PLs maiores para construções passivas indicariam uma dificuldade maior na compreensão do evento em relação à construção ativa. Os resultados da análise dos PLs foram consistentes com a ausência de influência da posição do agente na escolha da construção: construções ativas não apresentaram PLs menores quando o agente estava localizado da esquerda, assim como as passivas não apresentaram PLs menores quando o agente estava localizado na direita – a diferença foi encontrada apenas no grupo dos bilíngues, mas em descrições de imagens que apresentavam o agente na esquerda.

³³ Apud Gleitman et al. (2007).

A diferença marginalmente significativa nos PLs dos bilíngues entre as construções ativa e passiva vai contra as expectativas de que a forma não-marcada apresentaria PLs menores. Entretanto, a maior rapidez com a qual as passivas foram produzidas por estes falantes dá suporte à visão da produção de passivas a partir de *chunks*: nesta perspectiva, os PLs foram menores porque as descrições estavam disponíveis na mente do bilíngue como uma unidade – ao contrário das descrições ativas. Assim, a diferença não evidencia uma improvável dificuldade na elaboração de uma construção ativa, mas sim uma maior facilidade de acesso à estrutura da passiva.

A comparação dos PLs do grupo dos monolíngues em relação ao grupo dos bilíngues rendeu resultados similares àqueles dos RTs no julgamento de aceitabilidade: mais uma vez, os bilíngues apresentaram tempos significativamente menores do que os monolíngues. Assim como na tarefa de compreensão, a diferença não pode ser associada à facilitação da L2 sobre a construção, mas possivelmente à influência do bilinguismo como um todo no desempenho linguístico de um falante.

Finalmente, ao contrário do que foi observado na tarefa escrita, na tarefa oral os bilíngues produziram significativamente mais construções passivas do que os monolíngues. O surgimento dessa diferença diante da mudança do paradigma experimental poderia ter sido causado por um aumento na produção da passiva pelo bilíngue ou por uma diminuição na produção da construção pelo monolíngue. Os resultados mostram que a segunda explicação é a correta, com base no fato de que os monolíngues produziram significativamente menos passivas na tarefa oral do que na tarefa escrita. Os bilíngues não apresentaram diferenças.

4. DISCUSSÃO GERAL

Este estudo teve por objetivo observar o comportamento da construção passiva no PB e no inglês, bem como contrastar o comportamento de falantes de perfis linguísticos distintos – monolíngues do PB e bilíngues de alta proficiência L1 PB L2 inglês – em relação à produção desta construção no PB. Duas hipóteses nortearam a presente investigação. Primeiramente, foi formulada a hipótese de que a construção passiva teria produtividade maior no inglês do que no PB, devido à existência de construções alternativas nesta língua para o alcance dos efeitos semântico-pragmáticos exercidos apenas pela passiva no inglês. Em segundo lugar, levantamos a hipótese de que a produção da construção pelos bilíngues seria diferente daquela dos monolíngues, dado que a diferença distribucional da construção nas duas línguas (a primeira hipótese deste estudo) fosse constatada. Os resultados centrais encontrados nas quatro análises deste estudo, bem como a comparação entre os dois experimentos de produção, estão resumidos na tabela 11:

<i>Estudo</i>	<i>Contraste</i>	<i>Resultados</i>
Análise de corpora de fala	Frequência da passiva no PB e no inglês	A passiva é significativamente mais produtiva no inglês do que no PB.
Julgamento de aceitabilidade	Níveis de aceitação da passiva em relação a ativas e descritivas agramaticais; RTs dos julgamentos	Passiva tão aceita quanto a ativa no PB; RTs das passivas maiores do que das ativas e menores do que das descritivas; RTs dos bilíngues menores do que dos monolíngues.
Tarefa de produção escrita	Produção de passivas por bilíngues e monolíngues na escrita	Sem efeito de localização do agente na escolha da construção; Número estatisticamente similar de passivas produzidas pelos bilíngues e monolíngues em relação às ativas.
Tarefa de produção oral	Produção de passivas por bilíngues e monolíngues na fala; PLs de ativas e passivas	Sem efeito de localização do agente nos PLs; Maior produção de passivas pelos bilíngues; PLs das passivas marginalmente menores do que das ativas no grupo dos bilíngues.
Produção escrita vs. produção oral	Efeito do paradigma na produção de passivas	Número estatisticamente semelhante de passivas produzidas nas duas tarefas pelos bilíngues; Produção de passivas significativamente menor na tarefa oral do que na tarefa escrita no grupo dos monolíngues.

Tabela 11 - Resumo dos estudos

As análises aqui descritas nos permitem aceitar ambas as hipóteses levantadas. A primeira hipótese encontra suporte na constatação de que os falantes do PB produzem significativamente menos construções passivas do que os falantes do inglês, em relação às outras construções presentes nos corpora de fala. A confirmação da diferença na produtividade da construção traz consequências importantes para os estudos sobre a psicolinguística do bilinguismo do par PB-inglês.

A primeira delas se refere ao uso da passiva como construção controle em experimentação através do paradigma do *priming* sintático translinguístico. A construção é amplamente utilizada por estar presente na maioria das línguas ocidentais – de fato, a passiva foi a construção controle escolhida por Hatsuiker et al. (2004) e Vasilyeva et al. (2010) para o par espanhol L1 inglês L2, por Heydel e Murray (1997)³⁴ e Loebell e Bock (2003)³⁵ para o par alemão L1 inglês L2, por Pickering et al. (2008) para o par inglês L1 francês L2, e por Bernolet et al. (2009) para o par holandês L1 inglês L2. Embora a passiva tenha servido ao propósito de estabelecer uma linha de base sobre a qual foram comparados os efeitos de *priming* translinguístico nestes estudos, o uso da construção para a análise de transferência entre o PB L1 e o inglês L2 ainda é incerto. Ainda que este estudo não tenha se prestado a identificar as motivações que levam o falante do PB a escolher entre uma ou outra construção que possibilite a retirada do agente proposicional e/ou a promoção do objeto a tópico, a diferença distribucional da construção no PB e no inglês em si nos leva a conjecturar que, a despeito de sua congruência estrutural, a forma passiva recupera construções³⁶ distintas em cada uma das línguas. Dessa forma, a construção precisa ser estudada mais a fundo antes que seja possível seu uso como controle com segurança.

A segunda consequência da aceitação da hipótese de que a passiva é mais frequente no inglês do que no PB é de caráter teórico. Por um lado, as tarefas de produção mostraram que a rejeição da construção passiva pelos falantes do PB vai além do esperado para uma construção marcada ou não-canônica. A análise do comportamento dos monolíngues foi particularmente esclarecedora, por se tratar de falantes que não sofrem influência

³⁴ Apud Salamoura, Williams (2007), p. 631.

³⁵ Idem, p. 632.

³⁶ Como definidas por Goldberg, 1995.

significativa de qualquer L2: ao observar que a produção da passiva por estes falantes está condicionada à forma, temos razões para suspeitar que a construção seja pragmaticamente rejeitada, restrita a situações específicas. Por outro lado, a construção foi bem aceita pelos falantes no julgamento de aceitabilidade. Observa-se então uma discrepância entre os níveis de produção e de aceitação da construção passiva, que traz questionamentos sobre os níveis de interação entre os processos de produção e de compreensão do falante.

Ferreira (2003) observou que construções não-canônicas são mais mal interpretadas do que construções canônicas, sofrendo maior influência dos esquemas representacionais oriundos do conhecimento de mundo do falante. Este achado fundamenta o modelo de compreensão denominado *good-enough*, em que se postula que o processador consulta uma quantidade pequena de informações para interpretar uma sentença, e as interpretações resultantes podem ser superficiais ou até mesmo erradas (FERREIRA, PATSON, 2007). Dado que todas as sentenças-alvo do julgamento de aceitabilidade apresentaram agentes plausíveis (i.e., relações esterotípicas de agente e paciente), é necessário investigar até que ponto o alto nível de aceitação da passiva reflete a compreensão da expressão linguística, e não apenas sua conformidade com os esquemas existentes na memória de longo prazo.

Aceitamos também a hipótese de que o bilíngue sofre influências da L2 na produção de construções passivas. Embora os resultados do julgamento de aceitabilidade tenham indicado que os bilíngues consideram as passivas mais gramaticais do que os monolíngues, o efeito do perfil linguístico nas notas atribuídas a essas construções foi tão pequeno que não foi possível chegar a conclusões sobre efeitos de facilitação da L2 sobre a compreensão da passiva. A hipótese então encontrou suporte nos resultados das tarefas de produção. Ao mesmo passo que a análise de corpora mostrou que a frequência de passivas produzidas pelos falantes de L1 inglês é significativamente maior do que aquela observada na produção dos falantes de L1 PB, os resultados da tarefa de produção oral mostraram que o comportamento dos bilíngues em relação aos monolíngues foi similar àquele dos falantes de L1 inglês e L1 PB: enquanto o número de passivas produzidas pelos monolíngues diminuiu significativamente da tarefa escrita para a tarefa oral, a produção dos bilíngues se manteve estatisticamente inalterada. Isso significa que este perfil de falantes não

condiciona a ocorrência destas construções a situações de maior formalidade ou possibilidade de reelaboração, mostrando ter a construção mais facilmente recuperável do que o falante sem interferência de uma L2. É interessante notar também que a diminuição na produção dos monolíngues da tarefa escrita para a tarefa oral foi tamanha que a frequência da produção de passivas pelos sujeitos do experimento como um todo sofreu uma diminuição significativa. Isso coloca em evidência como os níveis de rejeição da construção diminuem em virtude da presença da L2 na mente do falante.

Estudos anteriores encontraram evidências de transferência reversa no fato de que estruturas licenciadas apenas na L2 inglês foram melhor aceitas na L1 PB por bilíngues do que por monolíngues (SOUZA et al., 2014). Esses resultados apontam a aprendizibilidade de construções da L2 não licenciadas na L1, resultando na reconfiguração das restrições gramaticais na mente do bilíngue para melhor acomodar as construções aprendidas da L2. Neste estudo, observou-se que a L2 tem influências não só sobre os níveis de aceitação de uma construção ilícita, mas também sobre o uso de uma construção licenciada na L1. A construção passiva, como foi atestado, não é considerada agramatical ou até mesmo pouco familiar pelos falantes do PB – como foi o caso das construções nos estudos reportados por Souza et al. (2014). Entretanto, ela é amplamente preterida pelos monolíngues e não tanto pelos bilíngues. Argumenta-se que os bilíngues tenham sofrido uma reconfiguração da representação da construção, e não apenas da estrutura sintática superficial disponível na L1.

Os resultados obtidos neste estudo abrem perguntas para as quais, neste momento, só é possível oferecer conjecturas. Analisamos o comportamento da construção passiva através de diferentes perspectivas – seu estado na língua falada, seus níveis de compreensão por monolíngues do PB e bilíngues L1 PB L2 inglês e sua produção por estes dois grupos linguísticos em forma escrita e em forma oral – e pudemos estabelecer que há uma diferença distribucional da construção no PB e no inglês, e que essa diferença é significativa o suficiente para exercer influências sobre a L1 do bilíngue. A descrição destes fatos nos levou a tecer a hipótese de que a construção passiva seria apenas superficialmente congruente nestas duas línguas, ativando representações distintas na mente do bilíngue. Os dados coletados trouxeram ainda questionamentos sobre o estado da construção passiva no

PB, assim como sobre os possíveis fatores condicionadores de sua ocorrência em detrimento das outras estruturas disponíveis para o alcance de efeitos semântico-pragmáticos semelhantes.

Este estudo oferece, portanto, um ponto de partida para uma análise mais aprofundada do comportamento dos falantes do PB em relação à construção passiva, modulado pela presença da L2. Os fatos aqui descritos abrem caminho para a investigação acerca da configuração representacional da construção na mente do bilíngue L1 PB L2 inglês, que, somada à observação sistemática de uma discrepância entre o comportamento deste falante em relação ao falante bilíngue, permitirá lançar luz sobre os fenômenos de transferência reversa no par linguístico PB-inglês, especificamente. Em última análise, será possível contribuir para os objetivos comuns aos estudos sobre a psicolinguística do bilinguismo de trazer esclarecimentos universais sobre a configuração representacional e o processamento linguístico do falante que possui duas ou mais línguas em sua mente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNOLET, S.; HARTSUIKER, R. J.; PICKERING, M. J. A persistence of emphasis in language production: A cross-linguistic approach. *Cognition*, 112, 300-317, 2009.
- BIALYSTOK, E.; CRAIK, F. I. M.; KLEIN, R.; VISWANATHAN, M. Bilingualism, aging, and cognitive control: Evidence from the Simon Task. *Psychology and Aging*, 19, 290-303, 2004.
- BOCK, J. K. Syntactic persistence in language production. *Cognitive Psychology*, 18, 355-387, 1986.
- CAMBRUSSI, M. F. *Alternância Causativa de Verbos Inergativos no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- COOK, V. Introduction: The Changing L1 in the L2 User's Mind. In: _____. (Org.). *Effects of the Second Language on the First*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- CYRINO, S. M. L. Construções com *se* e promoção de argumento no português brasileiro - uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*, 6(2), 85-116, 2007.
- CUMMINS, J. Bilingualism and the development of metalinguistic awareness. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 9, 131-149, 1978.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DAVIES, M. *The Corpus of Contemporary American English: 450 million words, 1990-present*. Available online at <http://corpus.byu.edu/coca/>, 2008-.
- DJIKSTRA, A.; VAN HEUVEN, W. J. B. The architecture of the bilingual word recognition system: From identification to decision. *Bilingualism: Language and Cognition*, 23, 175-197, 2002.
- DU BOIS, J. W.; CHAFE, W. L.; MEYER, C.; THOMPSON, S. A.; Englebretson, R.; Martey, N. *Santa Barbara corpus of spoken American English, Parts 1-4*. Philadelphia: Linguistic Data Consortium, 2000-2005.
- DUSSIAS, P. E. Syntactic ambiguity resolution in L2 learners: Some effects of bilingualism on L1 and L2 processing strategies. *Studies in Second Language Acquisition*, 25, 529-557, 2003.
- DUARTE, Y. As passivas no português e no inglês: uma análise funcional. *D.E.L.T.A.*, 6(2), 139-167, 1990.
- ELLIS, N. C. Constructions, Chunking and Connectionism: The Emergence of Second Language Structure. In: DOWTY, C. J.; LONG, M. H. (Ed.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden, MA: Blackwell, 63-103, 2003.

- FERREIRA, F. The misinterpretation of noncanonical sentences. *Cognitive Psychology*, 47, 164-201, 2003.
- FERREIRA, F.; PATSON, N. D. The 'Good Enough' approach to language comprehension. *Language and Linguistics Compass*, 1, 71-83, 2007.
- GIVON, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GLEITMAN, L.; JANUARY, D.; NAPPA, R.; TRUESWELL, J. C. On the give and take between apprehension and utterance formulation. *Journal of Memory and Language*, 57(4), 544-569, 2007.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GREEN, D. W. Mental control of the bilingual lexico-semantic system. *Bilingualism: Language and Cognition*, 1, 67-81, 1998.
- GROSJEAN, F. Neurolinguistics, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. *Brain and Language*, 36, 3-15, 1989.
- HARTSUIKER, R. J.; PICKERING, M. J.; VELTKAMP, E. Is syntax separate or shared between languages? Cross-linguistic syntactic priming in Spanish/English bilinguals. *Psychological Science*, 15, 409-414, 2004.
- HARTSUIKER, R. J.; PICKERING, M. J. Language integration in bilingual sentence production. *Acta Psychologica*, 128, 479-489, 2008.
- HAWAD, H. F. A Voz Verbal e o Fluxo Informacional do Texto. *D.E.L.T.A.*, 20(1), 97-121, 2004.
- JUFFS, A. An overview of the second language acquisition of the links between verb semantics and morpho-syntax. In: ARCHIBALD, J. (Ed.). *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Oxford: Blackwells, 187-227, 2000.
- LEVELT, W. J. M.; ROELOFS, A.; MEYER, A. S. A theory of lexical access in speech production. *Behavioral and Brain Sciences*, 22, 1-75, 1999.
- LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1993.
- MAC-KAY, A.P.M.G. *Atividade verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita*. São Paulo: Plexus, 2000.
- NATION, I. P. *Teaching and learning vocabulary*. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

- OLIVEIRA, C. S.; SOUZA, R. A. "Uma exploração da aprendizibilidade da construção resultativa do inglês por bilíngues do par linguístico português do Brasil e inglês". *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, 43, 252-260, 2012.
- PICKERING, M. J.; MCLEAN, J. F.; BRANIGAN, H. P.; CHEUNG, Y. T.; PEACOCK, A. K. Do bilinguals inhibit the syntax of the non-target language. Manuscrito não publicado, 2008.
- RASO, T.; MELLO, H. *C-Oral-Brasil I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SAID ALI, M. O pronome "se". In: _____. *Dificuldades da Língua Portuguesa – 7ª ed.* Rio de Janeiro: ABL, 101-119, 2008.
- SALAMOURA, A.; WILLIAMS, J. N. Processing verb argument structure across languages: Evidence for shared representations in the bilingual lexicon. *Applied Psycholinguistics*, 28, 627-660, 2007.
- SANTOS, D. Podemos contar com as contas? In: ALUÍSIO, S.; TAGNIN, S. (eds.). *New Language Technologies and Linguistic Research: A Two-way Road*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 194-213, 2014.
- SCHWARTZ, A. I.; KROLL, J. F. Language Processing in Bilingual Speakers. In: TRAXLER, M. J.; GERNSBACHER, M. A. (eds.). *Handbook of Psycholinguistics – Second Edition*. San Diego, CA: Academic Press, 967-999, 2006.
- SOUZA, R.; MELLO, H. Realização argumental na língua do aprendiz de línguas estrangeiras – possibilidades de exploração da interface entre semântica e sintaxe. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, 5, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- SOUZA, R. A.; OLIVEIRA, C. S.; GUIMARÃES, M. P.; ALMEIDA, L. R. Efeitos do bilinguismo sobre a L1: Evidências em julgamentos de aceitabilidade e no processamento online de bilíngues em imersão na L2 ou não. *Revista Linguística*, 10(1), 193-212, 2014.
- SOUZA, R. A.; OLIVEIRA, C. S.; SILVA, J. S.; PENZIN, A. G. A.; SANTOS, A. A. Estudo sobre um parâmetro de tarefa e um parâmetro amostral para experimentos com julgamentos de aceitabilidade temporalizados. *Revista de Estudos da Linguagem*, 23(1), 211-244, 2015.
- TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística. 2.ed.* São Paulo: Editora Ática, 1986.
- THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. Londres: Arnold, 1996.
- TSENG, J. English Prepositional Passive Constructions. In: MULLER, S. (Ed.). *Proceedings of the 14th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar, Stanford Department of Linguistics and CSLI's LinGO Lab*. Stanford, CA: CSLI Publications, 271-286, 2007.
- VASILYEVA, M.; WATERFALL, H.; GÁMEZ, P. B.; GÓMEZ, L. E.; BOWERS, E.; SHIMPI, P. Cross-linguistic syntactic priming in bilingual children. *Journal of Child Language*, 37(5), 1047-1064, 2010.

APÊNDICE A – SENTENÇAS DO JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

SENTENÇAS-ALVO NA CONSTRUÇÃO PASSIVA

1. Algumas perguntas foram feitas ao palestrante.
2. O vestido de noiva nunca mais foi usado.
3. As fantasias foram colocadas no porão.
4. A cidade foi construída sobre ruínas.
5. O adolescente foi preso por transportar drogas.
6. Muita informação foi gerada nas palestras.
7. O cabo foi promovido a soldado em abril.
8. Picasso foi considerado um grande pintor.
9. Tudo foi produzido na casa da fazenda.
10. A conversa entre as amigas foi gravada.
11. Eu fui chamado para terminar o trabalho.
12. A missão de receber doações foi dada à igreja.
13. O competidor foi inserido na corrida.
14. O réu e o advogado foram sentados à direita.
15. O cavalo foi aposentado no último outono.
16. As pessoas foram trazidas para a diretoria.

SENTENÇAS CONTROLE NA CONSTRUÇÃO ATIVA

1. O menino fez as comidas da festa.
2. A mulher usou seu cartão de crédito.
3. O homem colocou os livros na mala.
4. O pássaro construiu seu próprio ninho.
5. O policial prendeu o suspeito.
6. A fala do professor gerou dúvidas.
7. O gerente promoveu seu subordinado.
8. Considero minha irmã uma mãe.
9. A empresa produz sementes de trigo.

10. A pesquisadora gravou as conversas.
11. A menina chamou o pai para almoçar.
12. A sogra deu um fogão para o casal.
13. O homem inseriu os dados no sistema.
14. A avó sentou o neto no colo.
15. Os diretores aposentaram o presidente.
16. A cozinheira trouxe o caldo de feijão.

SENTENÇAS CONTROLE DESCRITIVAS AGRAMATICAIS

1. O homem estava apavorado pelo seu chefe.
2. As crianças estavam empolgadas pelos palhaços.
3. O cantor está envolvido com o show pelo empresário.
4. A mulher está casada com o marido pelo padre.
5. O paciente está acordado pela enfermeira
6. Os amigos estavam embriagados pelo garçom.
7. O rapaz estava confuso pela sua namorada.
8. O motorista estava contrariado pelo motoqueiro.
9. A menina estava isolada dos amigos pelo pai.
10. O jogador está incluído na partida pelo juiz.
11. A menina estava vestida com jeans pela mãe.
12. O pai estava cansado pela filha adolescente.
13. Os reféns estavam presos pelos sequestradores.
14. Os alunos estavam perdidos pelos professores.
15. O suspeito estava morto pelos investigadores.
16. A dona de casa está maquiada pela sua amiga.

SENTENÇAS DISTRATORAS

Causativização de verbos inergativos (agramaticais)

1. O cientista apareceu seu artigo anos depois.
2. O diretor falou o artista sobre o espetáculo.

3. A mulher brincou as crianças até a hora de dormir.
4. O fazendeiro caiu o pêssego da árvore.
5. O adolescente chegou seu amigo ao seu compromisso.
6. O jardineiro floriu o jardim antes do inverno.
7. O presidente renunciou o ministro depois do ocorrido.
8. O homem riu as meninas durante a festa.

Não-concordância entre sujeito e verbo (agramaticais)

1. O cachorro vieram para casa molhados.
2. O politico votaram a favor da nova medida.
3. O computador facilitaram os processos da empresa.
4. A secretária participaram da reunião de ontem.
5. A faxineira limparam todas as salas da escola.
6. A vendedora ofereceram seus produtos ao cliente.
7. O cientista descobriram uma nova cura para a doença.
8. A médica caminharam pelo novo hospital.

Alternância de movimento induzido (agramaticais)

1. O instrutor correu os meninos pelo parque.
2. A mulher andou seu pai pela rua.
3. O homem nadou seu filho até o barco.
4. O treinador pulou o cavalo sobre a cerca.
5. A cientista voou seu balão pelo céu.
6. O capitão marchou a tropa para dentro da cidade.
7. A criança flutuou seus brinquedos na piscina.
8. A senhora dançou seu marido pelo salão.

Resultativas adjetivas (agramaticais)

1. O garçom arrumou a mesa e a esfregou limpa.
2. O menino pintou a unha e a soprou seca.

3. O artista cortou a madeira e a lixou lisa.
4. O bombeiro amarrou a corda e a puxou reta.
5. A artesã limpou o metal e o martelou plano.
6. O garoto conferiu a janela e a puxou fechada.
7. A frentista abriu o tanque e o abasteceu cheio.
8. O caseiro limpou a piscina e a drenou vazia.

Resultativas descritivas (gramaticais)

1. O japonês fatiou o salmão e o comeu cru.
2. A velhinha perdeu o celular e o encontrou quebrado.
3. O jovem comprou a pizza e a comeu fria.
4. O atleta ensopou a camisa e a usou molhada.
5. A vizinha perdeu o cão e o encontrou morto.
6. A gata pegou o rato e o comeu vivo.
7. Rui descarregou a caixa e a trouxe vazia.
8. A moça preparou o café e o bebeu quente.

Resultativas adverbiais (gramaticais)

1. A jovem pintou o cabelo e o cortou curto.
2. A aluna colocou o sapato e o amarrou apertado.
3. A cozinheira pegou o queijo e o fatiou fino.
4. A cozinheira lavou a salsa e a picou fina.
5. A menina escovou o cabelo e o amarrou alto.
6. A aluna colocou o sapato e o amarrou apertado.
7. O vizinho assou a carne e a cortou grossa.
8. A criança pegou o papel e o cortou redondo.